UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PEDAGOGIA – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

1290001969
FE
TCC/UNICAMP L966i

a imagem como narrativa:
vivendo o conflito entre o real do adulto e o da criança

Bruna Eichenberger Ludwig

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Campinas, 2004

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PEDAGOGIA – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

a imagem como narrativa:
vivendo o conflito entre o real do adulto e o da criança

Bruna Eichenberger Ludwig
Orientadora: Profa. Dra. Ana Angélica Albano (Nana)

© by Bruna Eichenberger Ludwig, 2004.

Bib id 343934
UNIDADE: FE
Nº CHAMADA:
T/UNICAMP
L966i
V: EX:
TOMBO: 1969
PROC: 361/2005
C: D: X
PREÇO: R$11,00
DATA: 31/03/05
Nº CPD:

Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca da Faculdade de Educação/UNICAMP

L966i

Ludwig, Bruna Eichenberger.
A imagem como narrativa : vivendo o conflito entre o real do adulto e o real da criança / Bruna Eichenberger Ludwig. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador : Ana Angélica Albano.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Desenho infantil. 2. Escolas. 3. Conflito (psicologia). 4 Relação criança - adulto. I. Albano, Ana Angélica. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

04-225
RP/FE

Produto final do trabalho de conclusão de curso, elaborado por Bruna Eichenberger Ludwig, sob orientação da Profa. Dra. Ana Angélica Albano, pelas disciplinas EP 808 e EP 809, requisitos obrigatórios para a conclusão do curso de pedagogia.

Primeiro leitor

Profa. Dra. Ana Angélica Albano

Segundo leitor

Profa. Dra. Ana Lúcia Goulart de Faria

Há momentos em nossas vidas que achamos estar sós, o que nos faz pensar e olhar ao redor. É quando a natureza nos surpreende com sua magia: o pôr-do-sol, o luar e as estrelas, os amigos que fizemos ao longo da nossa caminhada...

Sou muito feliz por encontrar estas amizades
nesses quatro anos
e regar outras mais antigas!

Mãe, Mô e Pai

Tê, Paulinha e Ioli

Girassol e Thema

Ju Bernardes, Helena, Valeria,
Ricardo Pombal, Gilson, Dida
e a turminha toda!

André Corrêa, Claudia Thompson,
Cristina Joly, Sônia Moraes,
Celi, Karen e Myroca

Ana Lúcia G. de Faria, Ana Lúcia Nogueira,
Anna Regina, Carlos Miranda,
Maria Inês Petrucci, Marcia Strazzacappa,
Sérgio Leite

Nana!

ÍNDICE

Questão da investigação 5
Objetivos 6
Metodologia 7
Capítulo 1: o desenho como narrativa 8
Capítulo 2: dando lugar aos sonhos 68
Capítulo 3: conclusão 79
Posfácio 90
Bibliografia 95
Notas 96

"... A imaginação, como base de toda atividade criativa, se manifesta por igual em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e técnica.

(...)

Ignora-se quem fez a grande maioria de descobertas:só se consideram uns poucos nomes de grandes inventores.

(...)

Para o povo, a criação é privativa de alguns seres selecionados, gênios, talentos, autores de grandes obras de arte, de magníficos descobrimentos científicos ou de importantes aperfeiçoamentos tecnológicos. Estamos de acordo em reconhecer e conhecemos com facilidade a criação de um Tolstoi, de um Edison, de um Darwin, mas insistimos em admitir que essa criação não existe na vida do homem do povo."

(VYGOTSKY, L. S., 1987, pp. 10-11

QUESTÃO DA INVESTIGAÇÃO

Como viver o espaço imaginativo do desenho na educação?

OBJETIVO

Desenhar, ser desafiado e desafiar o espectador...

... ir ao encontro dos desenhos como querendo começar uma conversa.

Organizei, então, algumas imagens sobre escola,

da escola que vivi e

imagens que nesse espaço foram e continuam surgindo.

... com a finalidade de propor mais reflexões sobre as imagens da escola
e os pontos de fuga que ela permite.

"O que me agrada principalmente, na tão complexa natureza do desenho, é seu caráter infinitamente sutil, de ser ao mesmo tempo uma transitoriedade e uma sabedoria. O desenho fala, chega mesmo a ser muito mais uma espécie de escritura, uma caligrafia, que uma arte plástica."

(ANDRADE, M., 1984, p. 65)

METODOLOGIA

Seleção e elaboração de desenhos sobre as instituições de educação formal nas quais vivi e vivo, lembrando que tanto as imagens como a seleção delas são intencionais.

Após e durante a seleção, fiz desenhos que cabem aqui nesta linguagem como a minha voz, numa conversa com as demais imagens.

Busquei, ainda, organizá-las na ordem temporal do processo educacional: desde a educação infantil até agora, no ensino superior.

"Se a natureza e os frutos do acaso são passíveis de interpretação, de tradução em palavras comuns, no vocabulário absolutamente artificial que construímos a partir de vários sons e rabiscos, então talvez esses sons e rabiscos permitam, em troca, a construção de um acaso ecoado e de uma natureza espelhada, um mundo paralelo de palavras e imagens mediante o qual podemos reconhecer a experiência do mundo que chamamos de real."

(MANGUEL, A., 2003, pp. 22 e 23)

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

CAPÍTULO 1
O DESENHO COMO NARRATIVA

"Es ist wohl so, dass mir die Wörter nie genug gewesen sind."

Günter Grass, 2002

("É ótimo isso, que para mim as palavras nunca sejam suficientes.")

"O que vemos é a pintura traduzida nos termos da nossa própria experiência. Conforme Bacon sugeriu, infelizmente (ou felizmente) só podemos ver aquilo que, em algum feitio ou forma, nós já vimos antes. Só podemos ver as coisas para as quais já possuímos imagens identificáveis, assim como só podemos ler em uma língua cuja sintaxe, gramática e vocabulário já conhecemos.

(...)

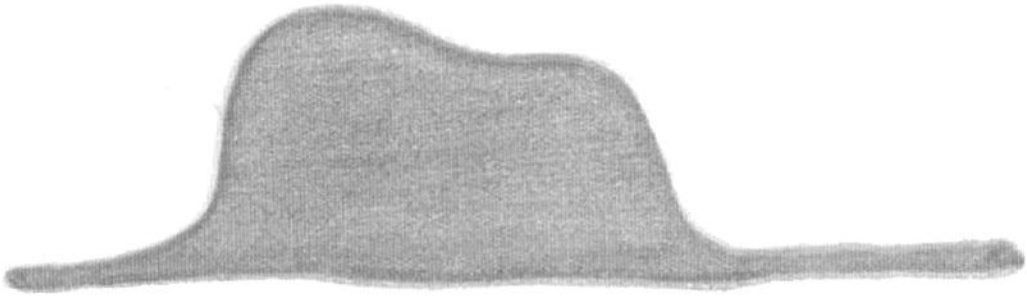
Quando lemos imagens – de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas –, atribuímos a elas o caráter temporal na narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias (sejam de amor ou de ódio), conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável."

(MANGUEL, 2001, p. 27)

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Certa vez, quando criança, encontrei no Pequeno Príncipe (Saint-Exupery, 1975) o conflito entre o real do adulto e do da criança muito claro: o Príncipe, aos seis anos, precisava desenhar algo sobre jibóias (elas engolem, sem mastigar, a presa inteira).

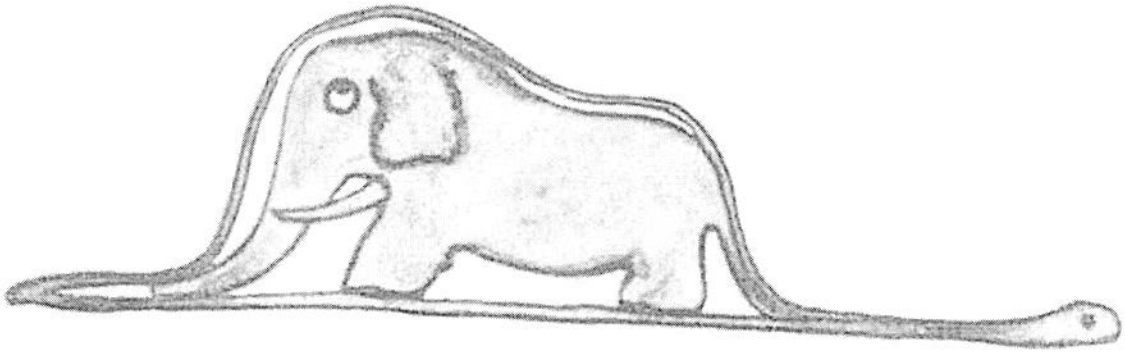
Ele resolveu seu desafio assim:



O fato é que ele quis conversar sobre sua produção, perguntando às pessoas grandes se o desenho lhes causava medo. As respostas foram chocantes: por que teriam medo de um chapéu?

O fato é que aquele desenho não representava um chapéu... e, sim, uma jibóia engolindo um elefante. Seu desafio era, então, fazer um desenho que as pessoas grandes pudessem compreender, já que sempre precisavam de explicações.

O desenho número 2 do Príncipe ficou assim:

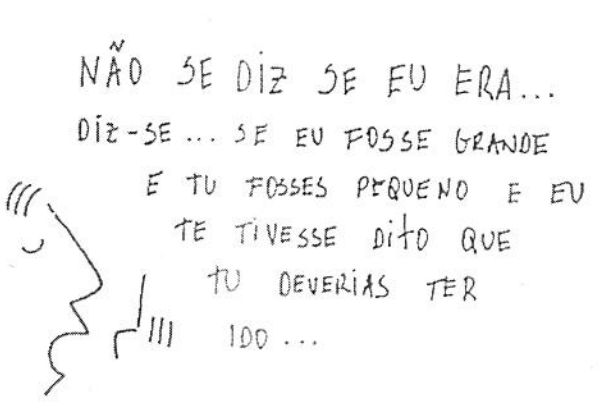


"As pessoas grandes aconselharam-me deixar de lado os desenhos de jibóias abertas ou fechadas, e dedicar-me de preferência à geografia, à história, ao cálculo, à gramática. Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma esplêndida carreira de pintor. Eu fora desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. as pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estar toda hora explicando."

Saint-Exupéry, 1975

Tonucci, 1987

Tonucci, 1987



Tonucci, 1987

Na educação infantil

Bruna [1]

"Na linguagem da pedagogia habitual da estética, a categoria privilegiada é aquela, misteriosa, do gosto, que se confunde freqüentemente com o bom gosto, qualidade que funciona tanto no domínio das conveniências sociais como no terreno da arte."

"... lembrar que a escola foi feita para a criança e não vice-versa..."

(PORCHER, in: Porcher (org.), 1982, pp. 18 e 21)

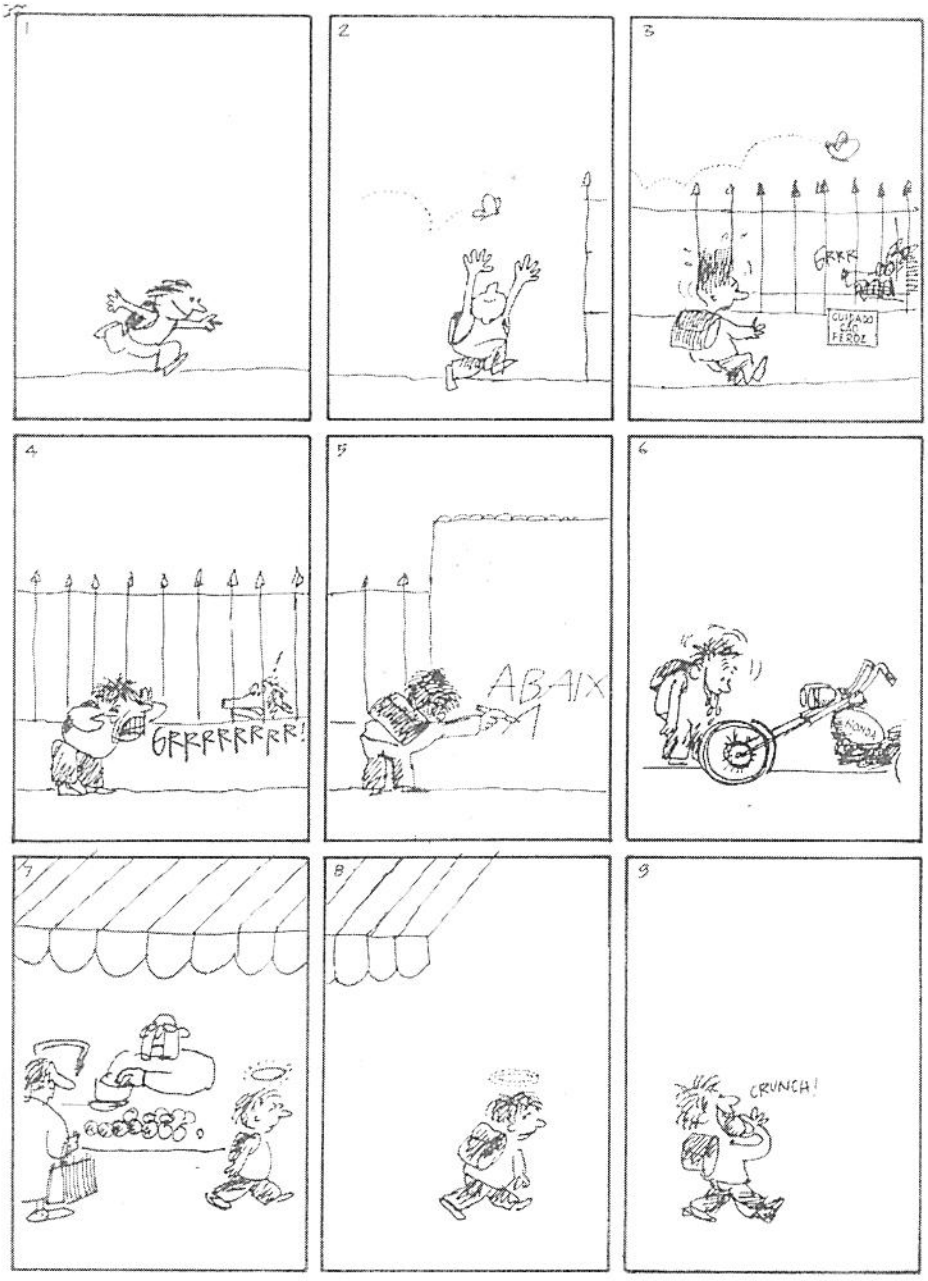
"Toda criança desenha.

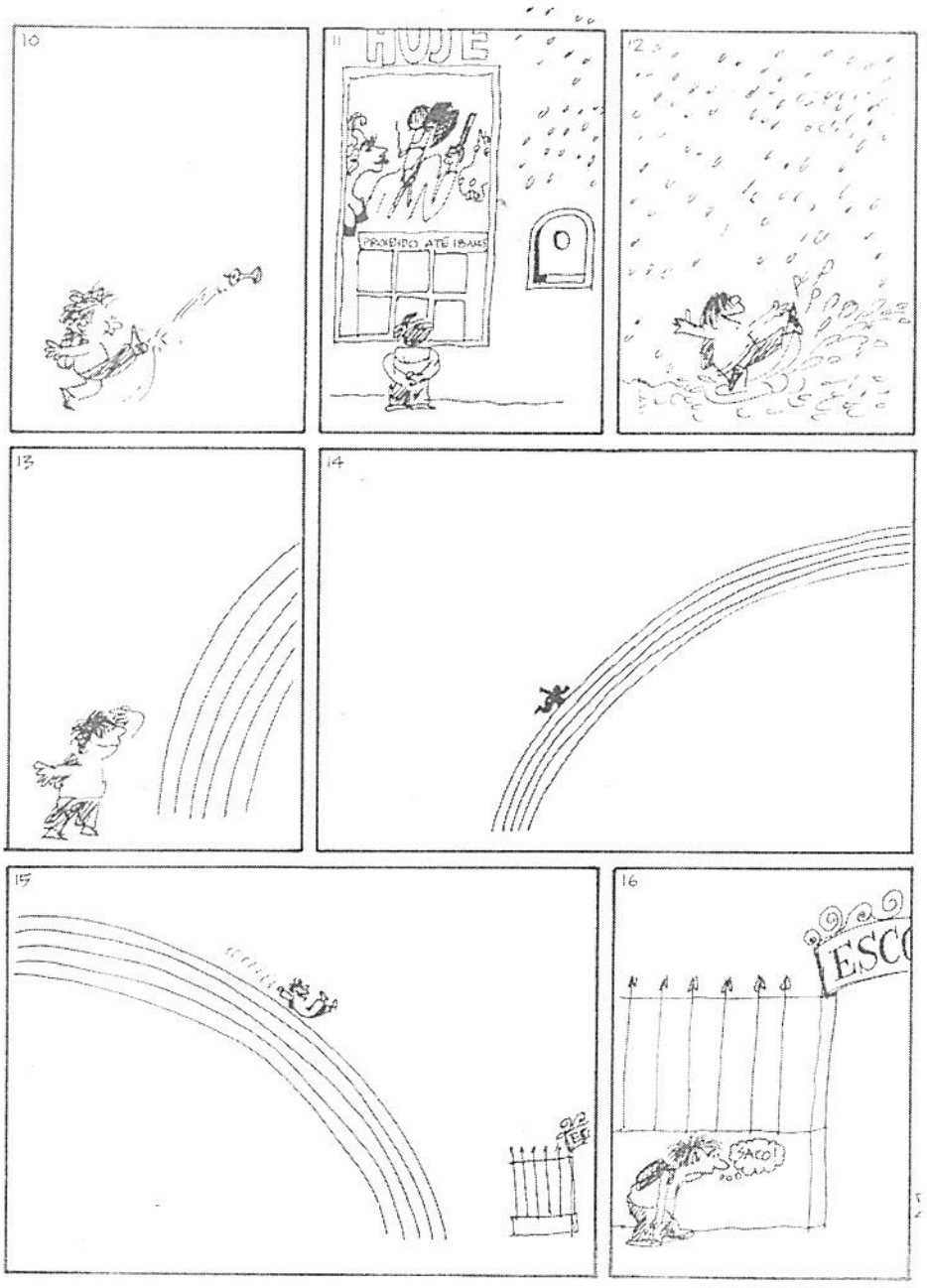
Tendo um instrumento que deixe uma marca: a varinha na areia, a pedra na terra, o caco de tijolo no cimento, o carvão nos muros e calçadas, o lápis, o pincel com tinta no papel, a criança brincando vai deixando sua marca, criando jogos, contando histórias.

Desenhando, cria em torno de si um espaço de jogo, silencioso e concentrado ou ruidoso seguido de comentários e canções, mas sempre um espaço de criação. Lúdico. A criança desenha para brincar."

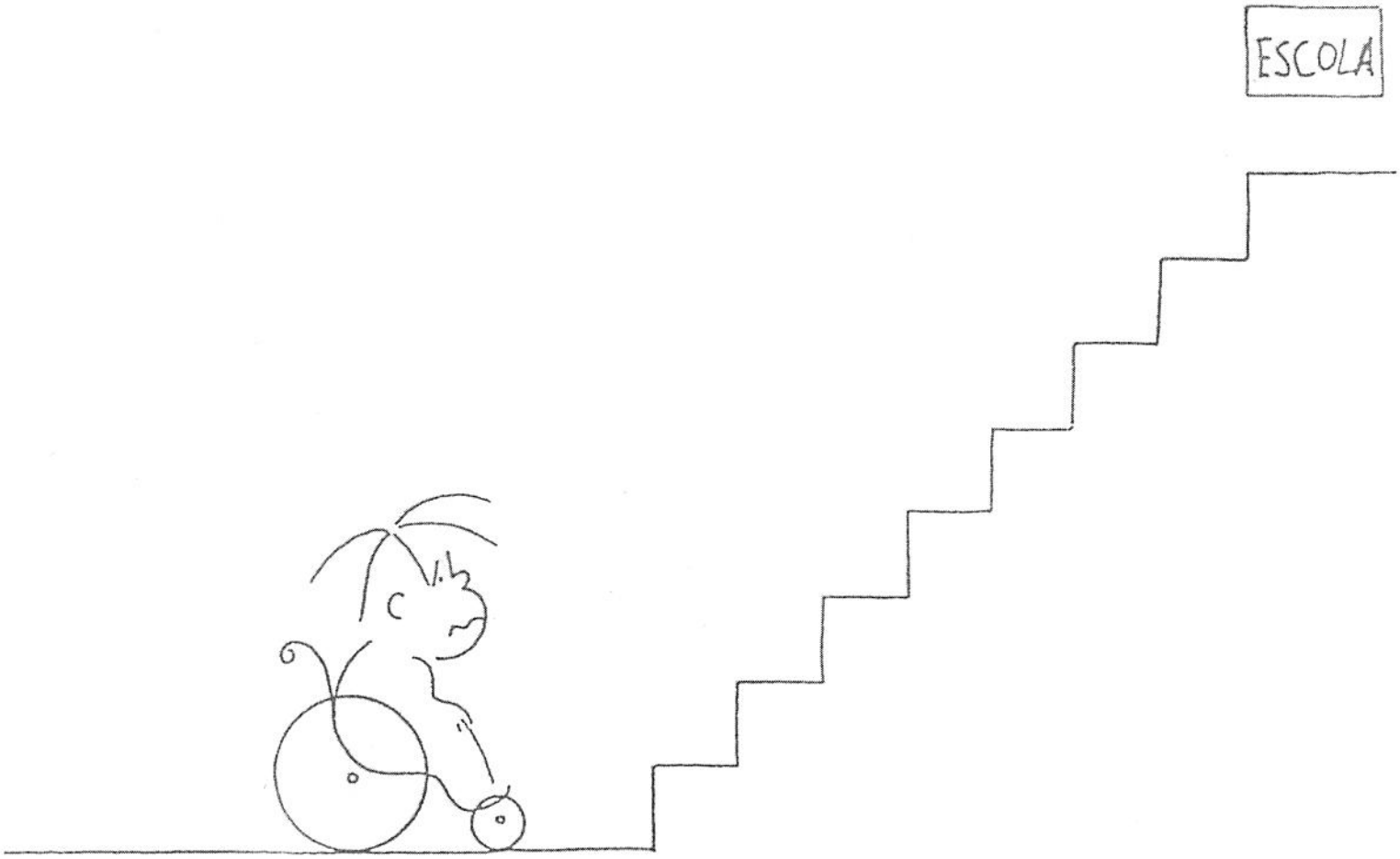
(ALBANO, 1984, p. 15)

Tonucci, 1987

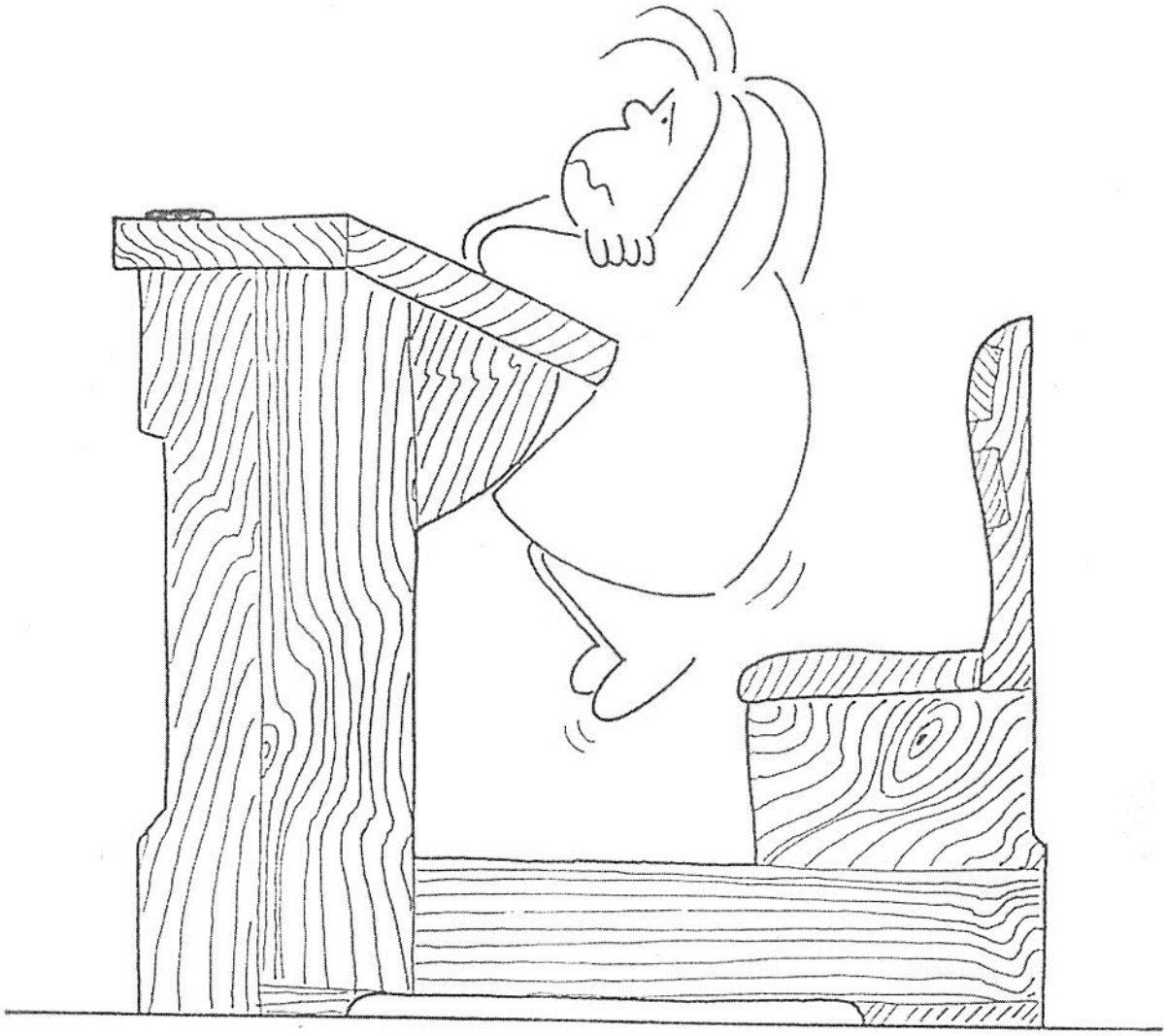

1
2
3
GRRR
CUIDADO CON FIERA
4
GRRRRRRRR!
5
ABAIX
6
7
8
9
CRUNCH!



Ceccon, 1985

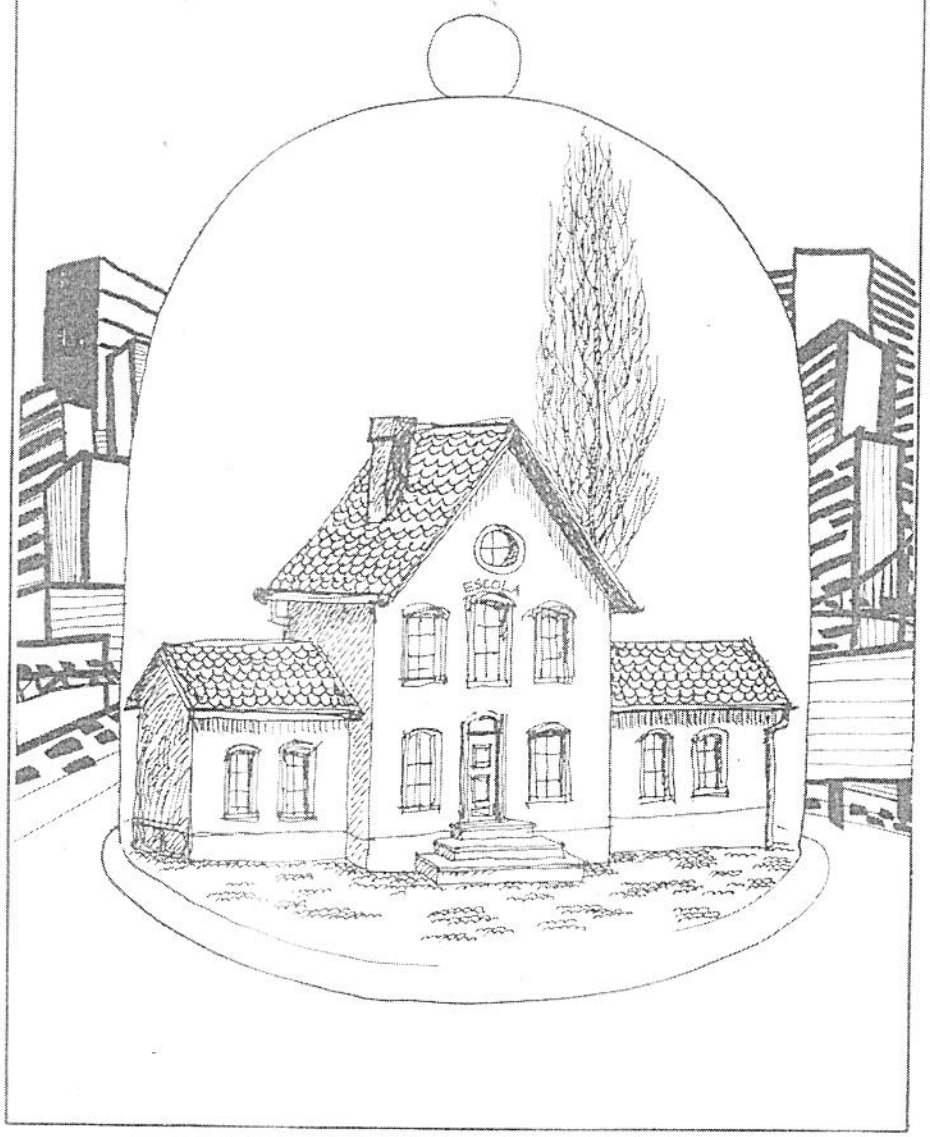


Tonucci, 1987

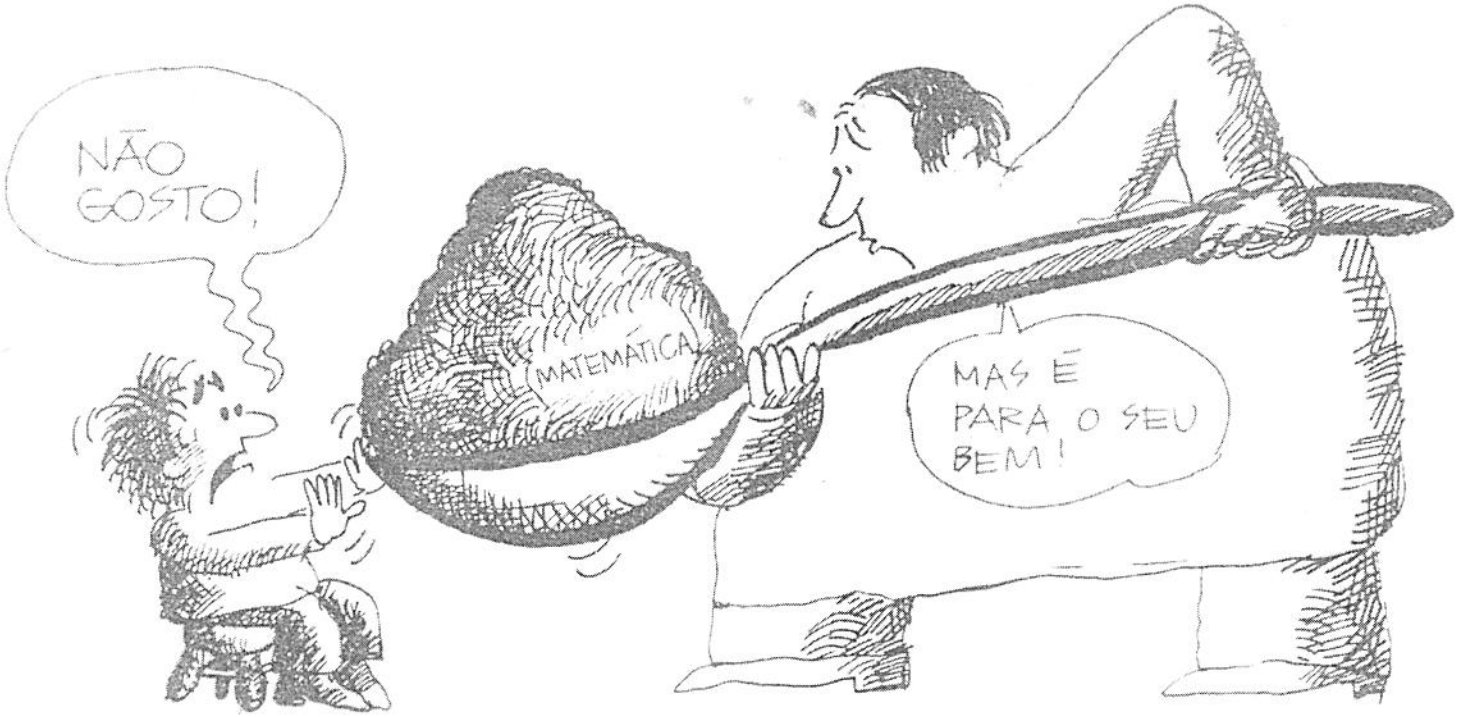


Tonucci, 1987

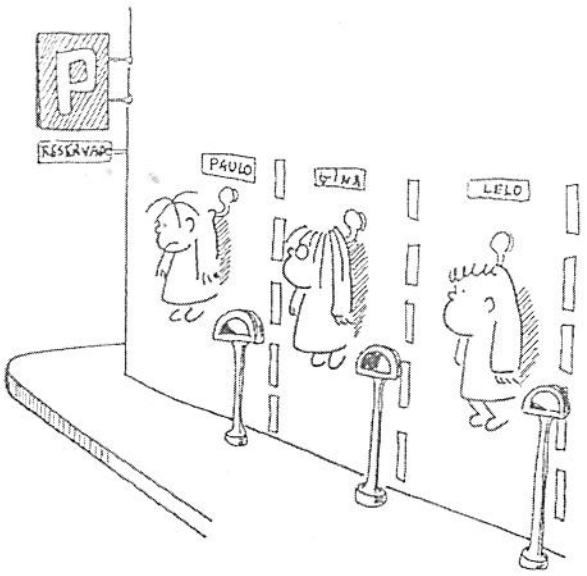
Fechado e
protegido



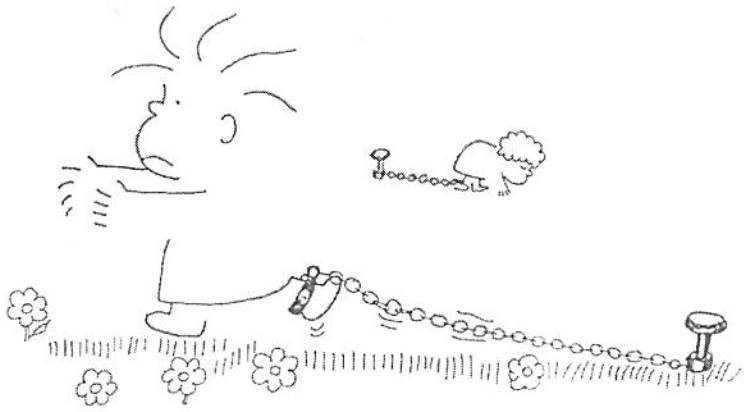
Ceccon, 1985



Ceccon, 1985



podes vir buscá-lo quando quiseres...

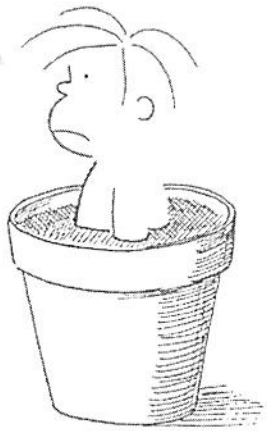


para puder mexer-se na natureza....

Tonucci, 1987

Sossego absoluto para os pais ....

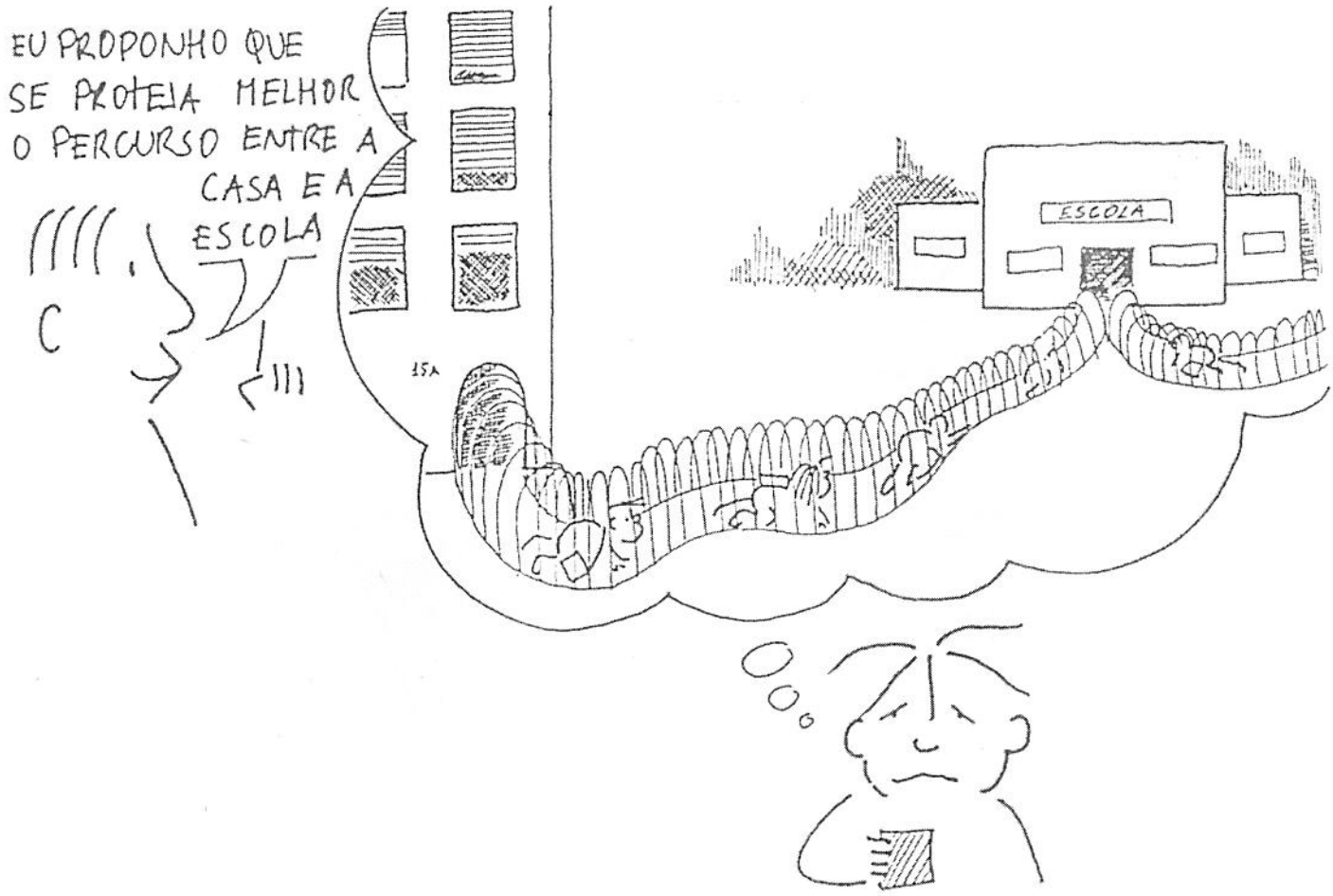
Tonucci, 1987



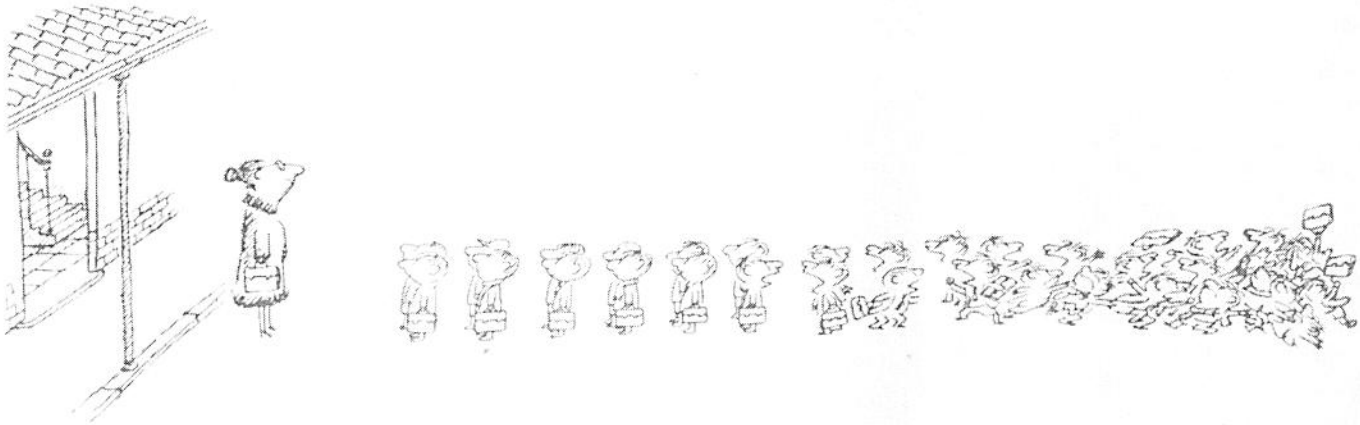
ocupa pouco espaço, mesmo em varandas...

em contacto com a natureza....

Tonucci, 1987



Tonucci, 1987



Sempé, 1998

"Era uma vez um menino que ganhou uma caixa de lápis com cores lindas para pintar a vida do jeito que ele achasse mais bonito.

O menino passou muito tempo procurando descobrir a cor perfeita da vida. Pensava nisso o dia inteiro, mas só sabia pensar. Com medo de escolher a cor errada, ele foi ficando cada vez mais indeciso, inseguro e confuso. E assim foi gastando o seu tempo. Perdendo a hora.

E foi tanta a demora, que a vida do menino acabou passando em branco.

- Entendeu a história, minha filha?

- Entendi.

- O que você entendeu?

- Entendi que o menino tinha lápis, mas não tinha borracha.

- Borracha?!

- É. Para apagar a cor errada, caso ele não gostasse da primeira escolha, e começar a pintar tudo outra vez.

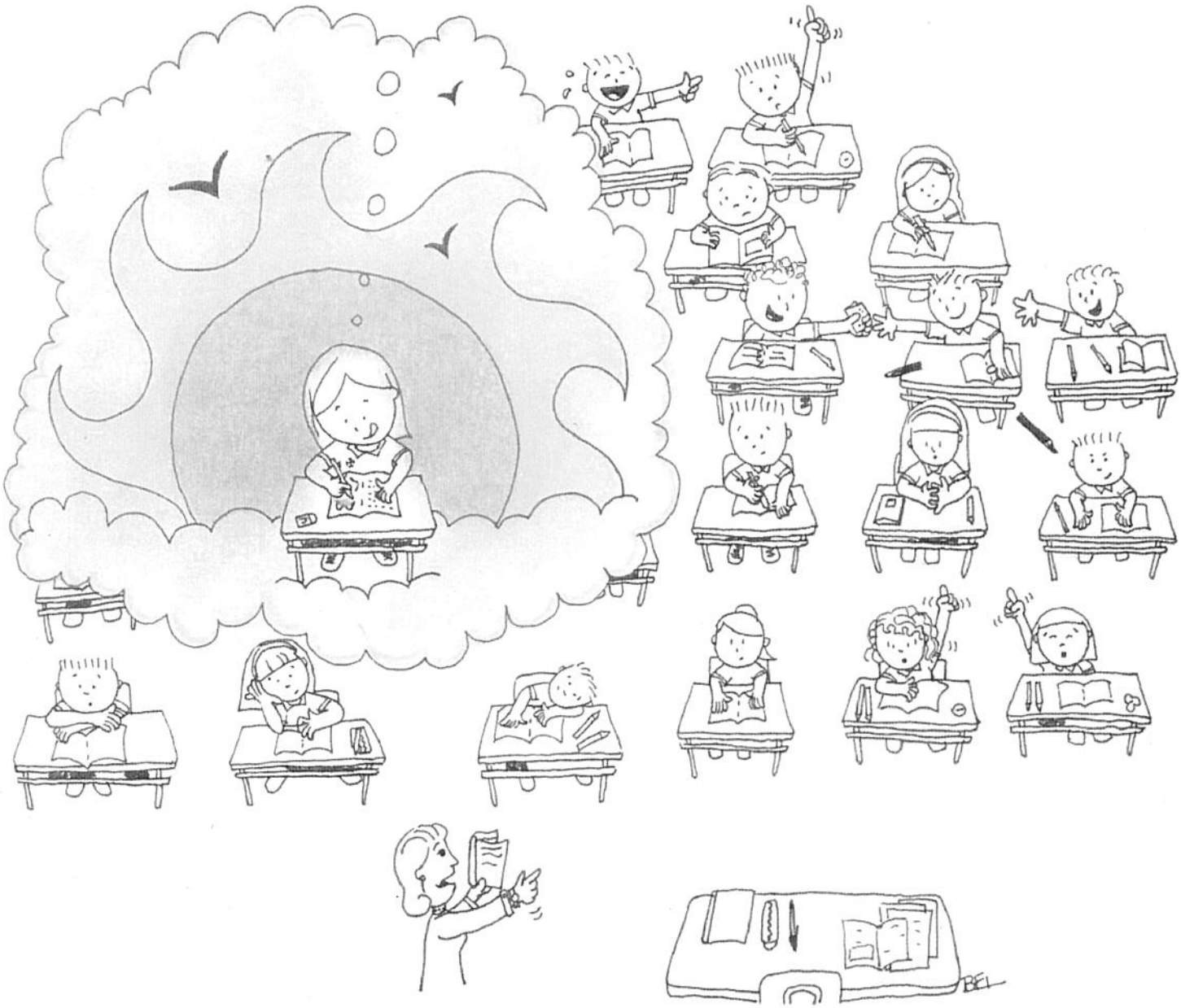
- !!!

- Papai, vamos dar uma borracha para esse menino?

- Agora não dá mais tempo, Beatriz. O menino foi viver no Reino dos Sonhos."

"No dia seguinte, Beatriz quis pintar diferente. Do lápis passou para o giz. Do giz para o guache. E do guache para todas as tintas. Passou a olhar não apenas para o papel, mas para tudo o que existia à sua volta. Percebeu que uma lata também poderia ser pintada. A casca de um ovo, o gesso e o vidro. Caixinhas de madeira e também outras coisinhas. Passou a pintar o que gostava e a gostar do que pintava."

(CAMOSSA e MESQUITA, 2002, pp. 4 e 61)



No ensino fundamental – 1

Bruna

No ensino fundamental - 2

Bruna

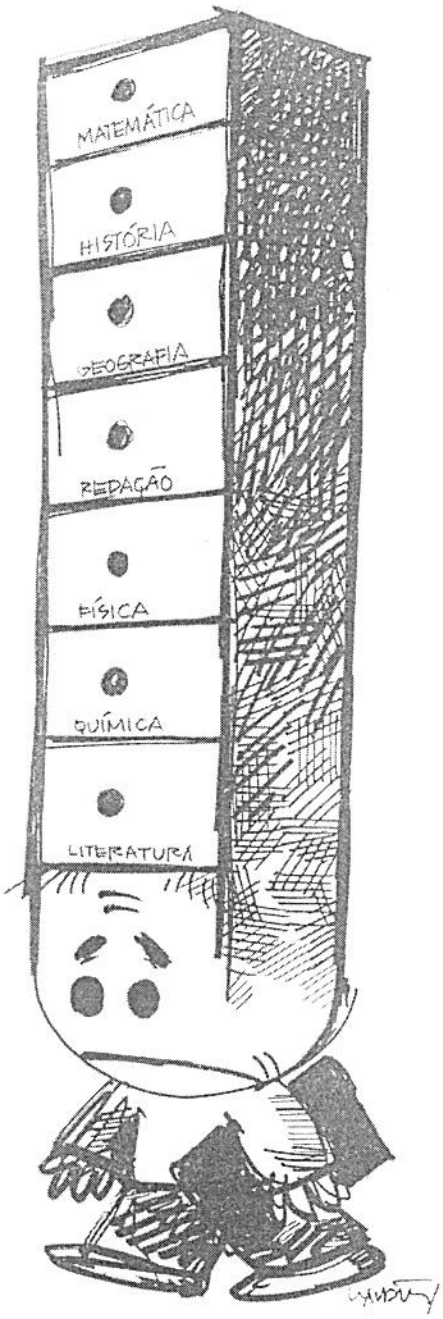
"Em poucos anos, o que era uma certeza, algo tão inquestionável como correr ou jogar bola, parece algo inacessível próprio apenas de artistas."

"... é exatamente a entrada para a escola que marca a ruptura no desenho das crianças."

"... a criança percebe que a escola é o espaço da fala do adulto e que para ela resta a cópia e o silêncio."

(ALBANO, 1984, pp. 52, 65 e 73)

Tonucci, 1987


MATEMÁTICA
HISTÓRIA
GEOGRAFIA
REDAÇÃO
FÍSICA
QUÍMICA
LITERATURA

Ceccon, 1985

A

Setzt euch!
Setz dich!

1

Setzt euch bitte, Kinder!

2

Setz dich bitte, Hans!

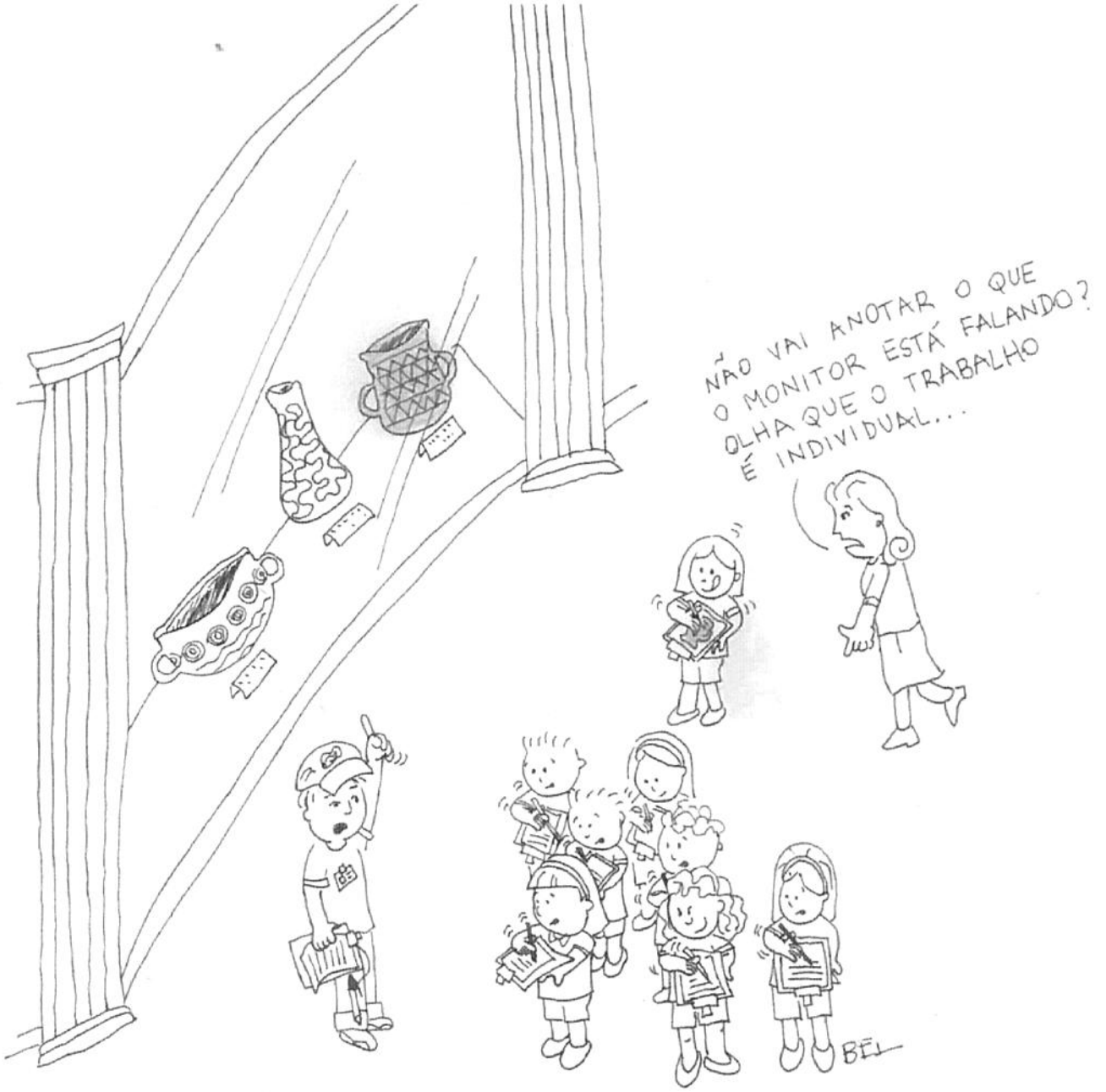
in: Wer? Wie? Was? 1, 1991

Vão mal com os alunos...

Há os que até gostam . . .

. . . mas outros se chateiam

Ceccon, 1985



Estudo do meio - 1

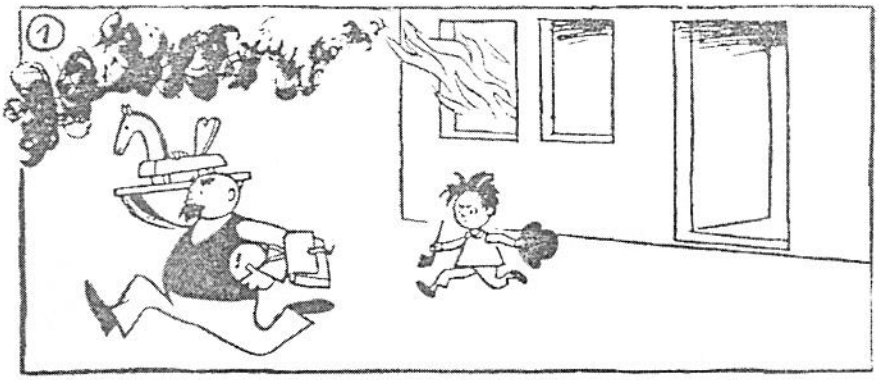
Bruna

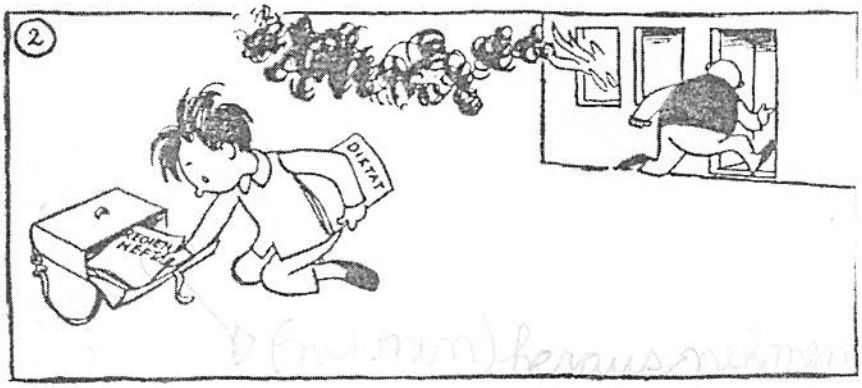
Estudo do meio - 2

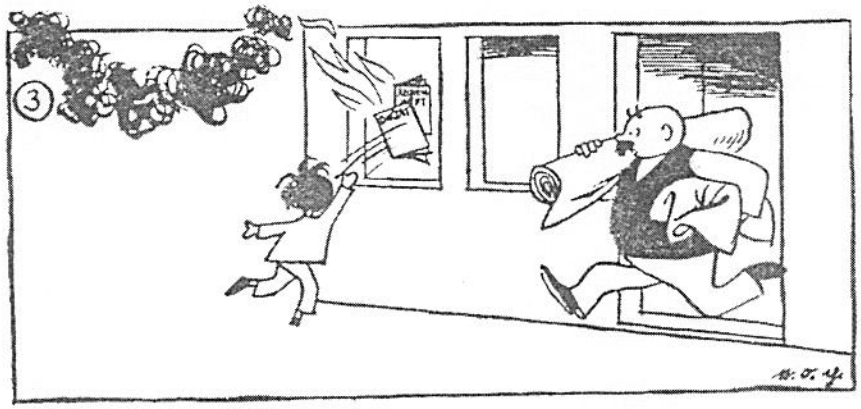
Bruna

(desconhecido)

Matt Groening, 1987.





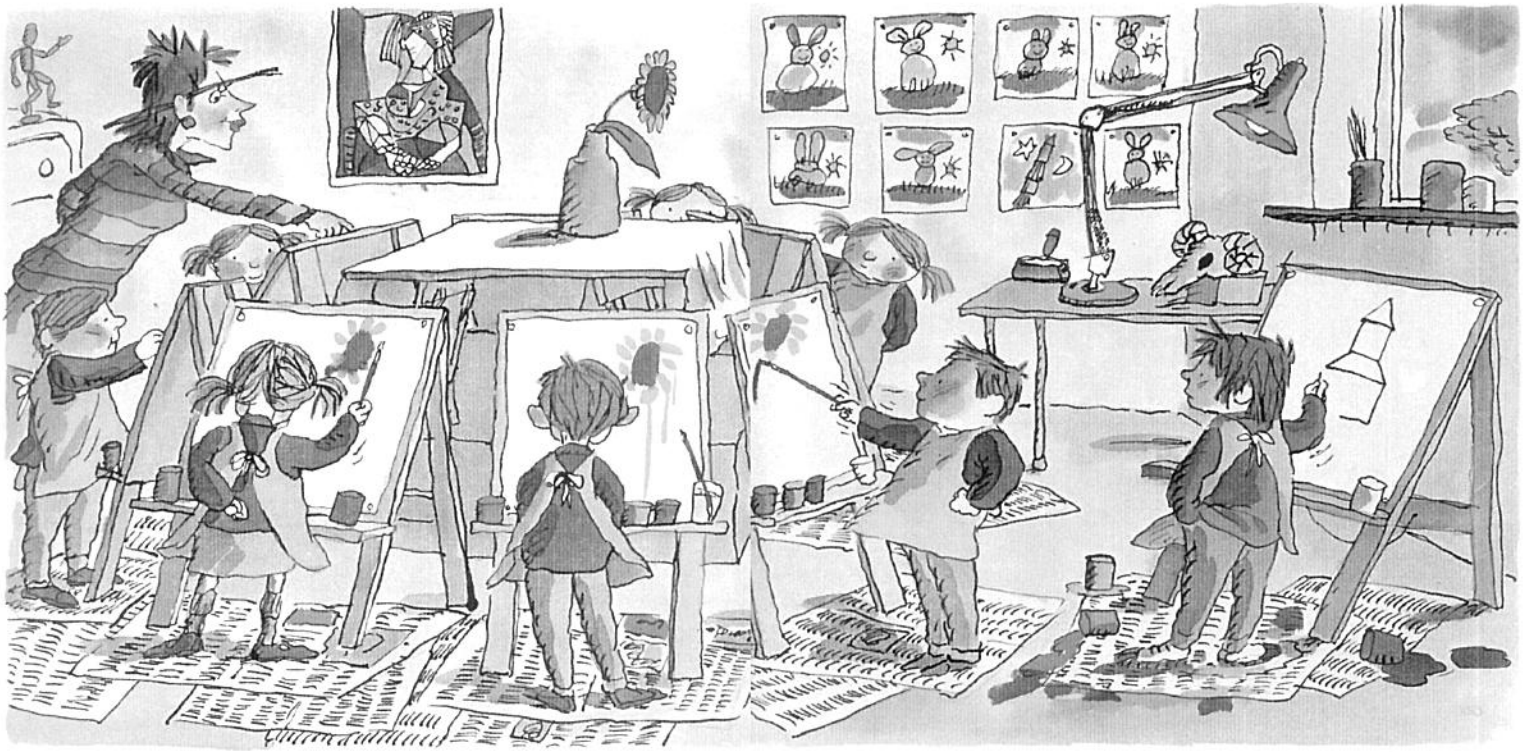


Vater und Sohn (2)

Ohsen, _____

Tonucci, 1987

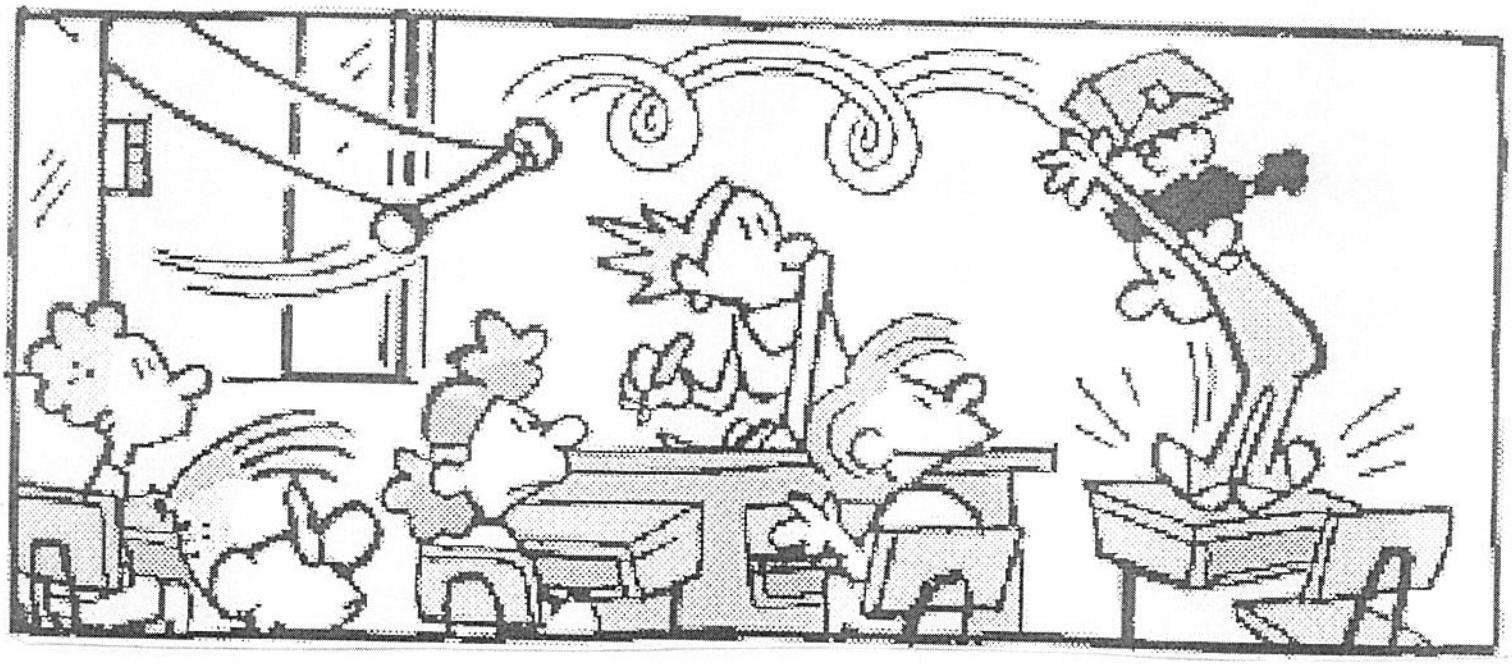
Tonucci, 1987



Tony Ross, in Bradman e Ross, 1990

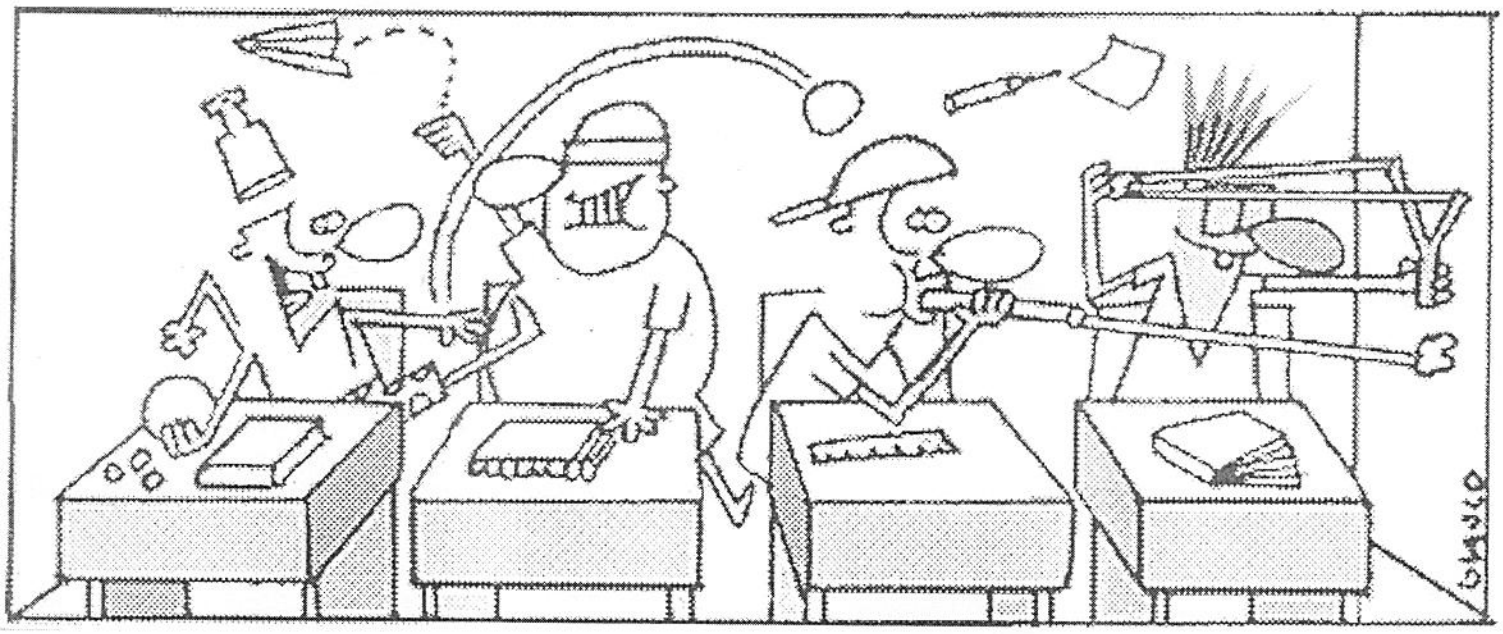
17
18
19
PRESTE ATENÇÃO!
20
21
BLA BLA BLA BLA
22
SILÊNCIO!
23
BLA BLA BLA BLA BLA BLA
24
25
ZIIIIING!

Ceccon, 1985



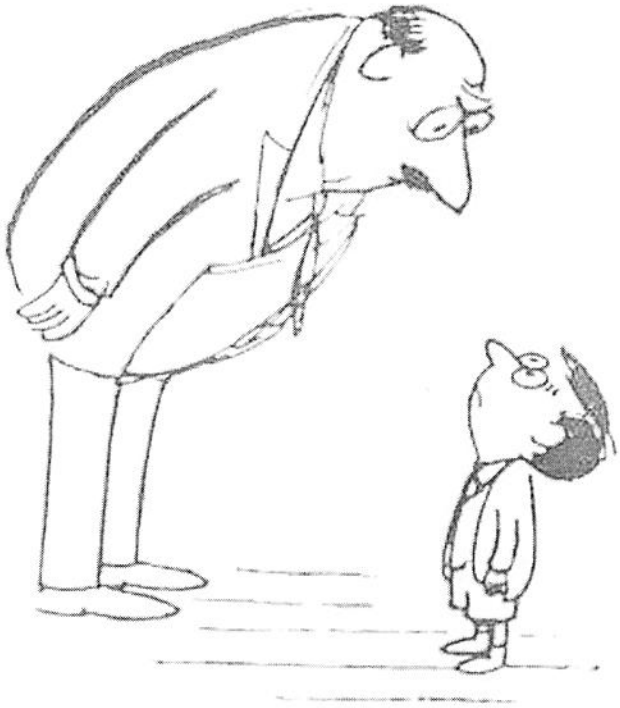
Suriá na escola

Laerte [3] , _____



Geraldinho na escola

Glauco [4] , _____



Sempé, 2002b

Quentin Blake, in Dahl, 2001

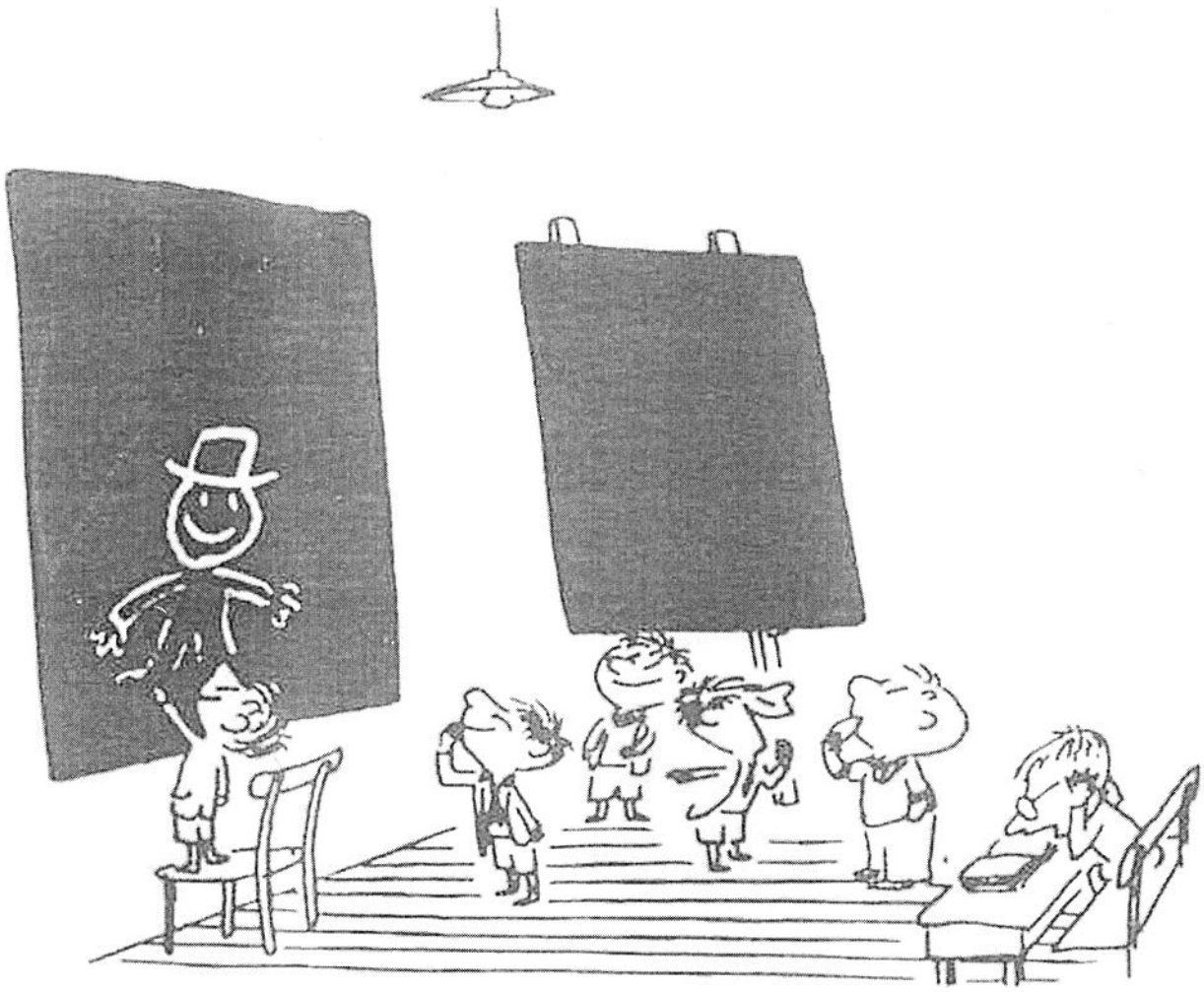
Sempé, 2002a.

Hägar, Dik Browne, _____

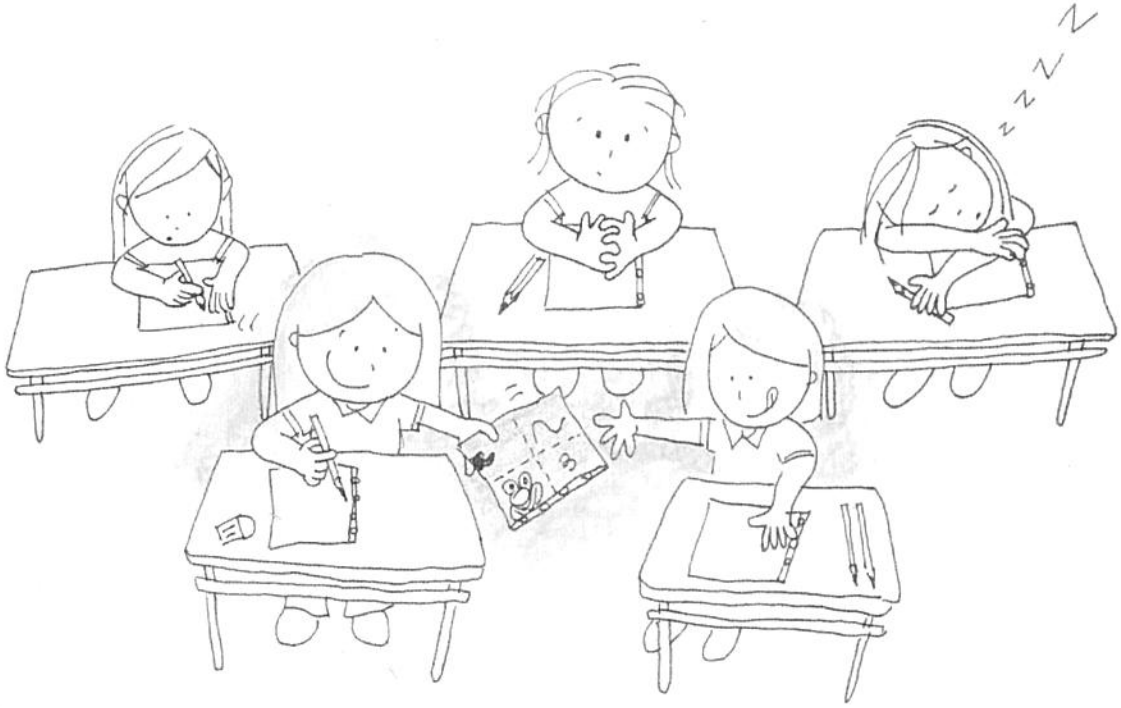
Jimmy

Jules Feiffer, 1994

Cratzios, 1999



Sempé, 2002b



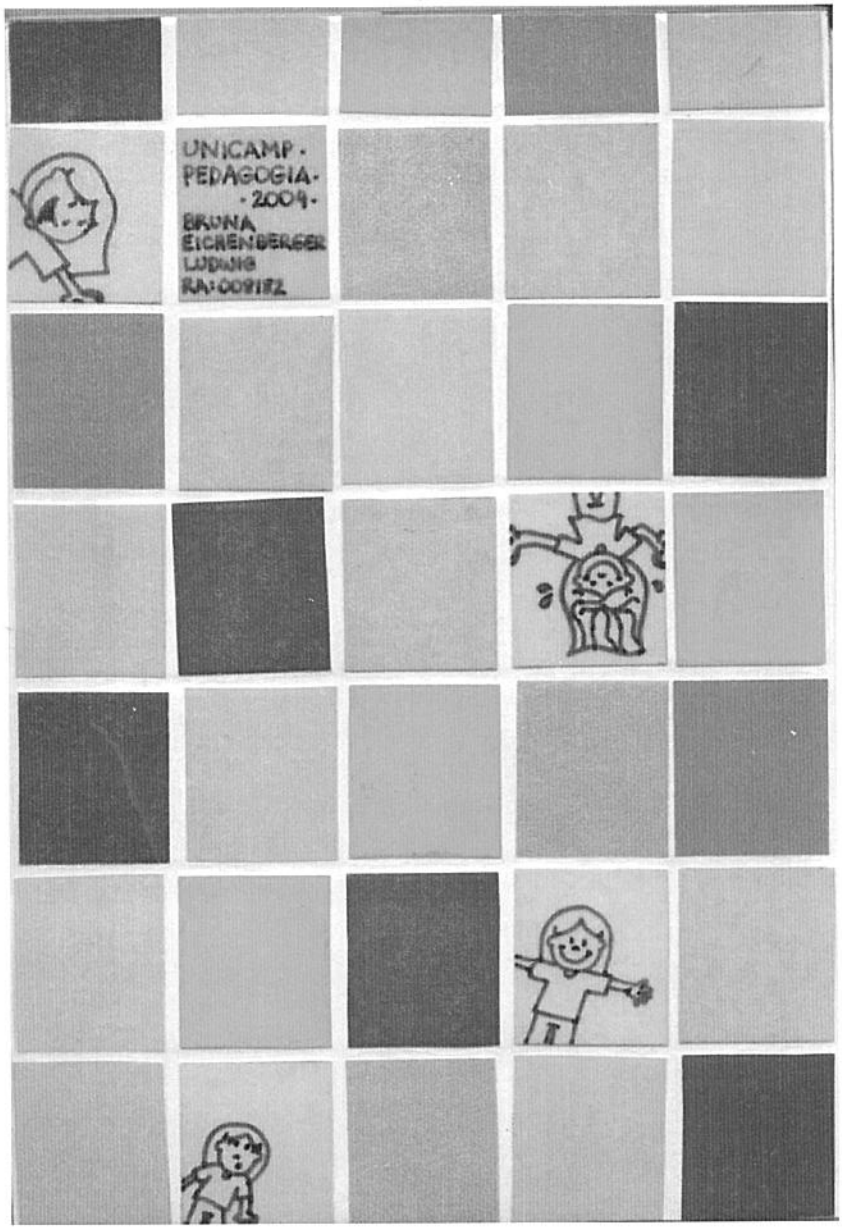
Brincando de terminar o desenho no magistério

Bruna

Quentin Blake, in Dahl, 2001

Dilbert

Scott Adams, _____

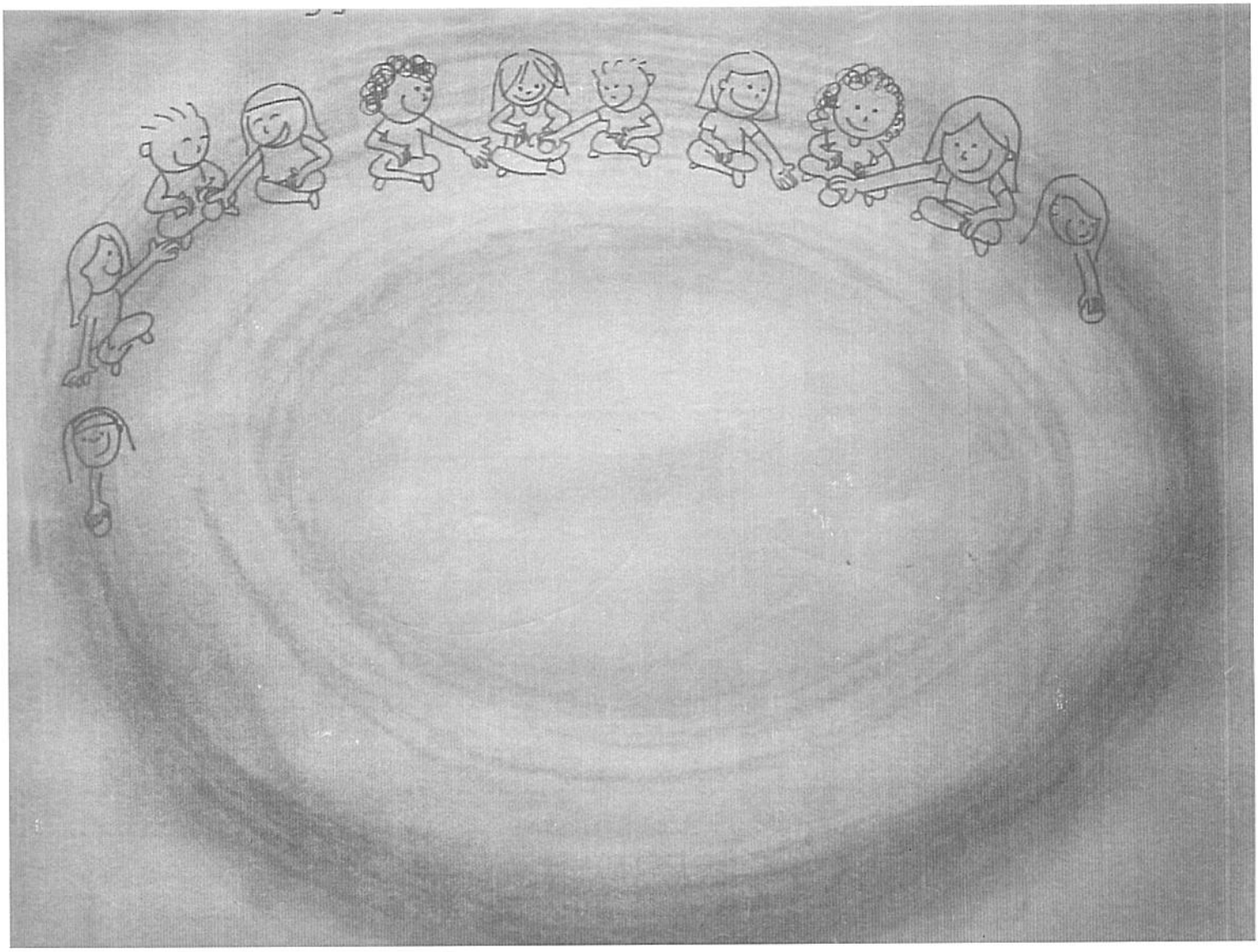


O caderno de 2004

Bruna

Proposta de avaliação para disciplina Gestão e Política Educacional

Bruna



Proposta de avaliação da disciplina Educação, Corpo e Arte

Bruna

Tonucci, 1987

Ensino superior - 1

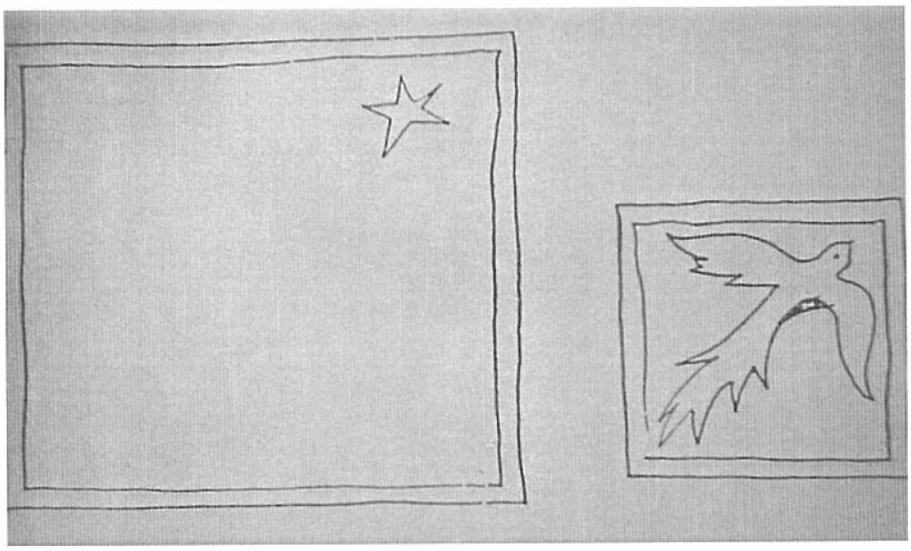
Bruna

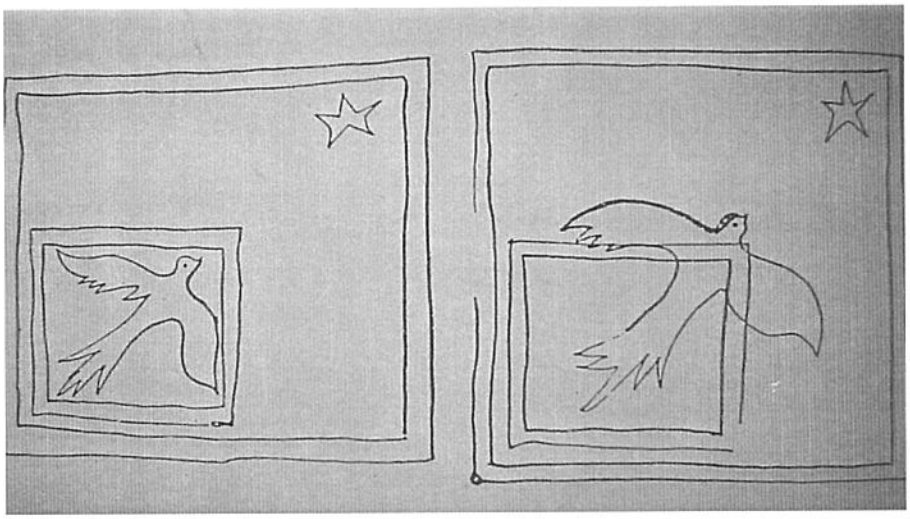
Ensino superior - 2

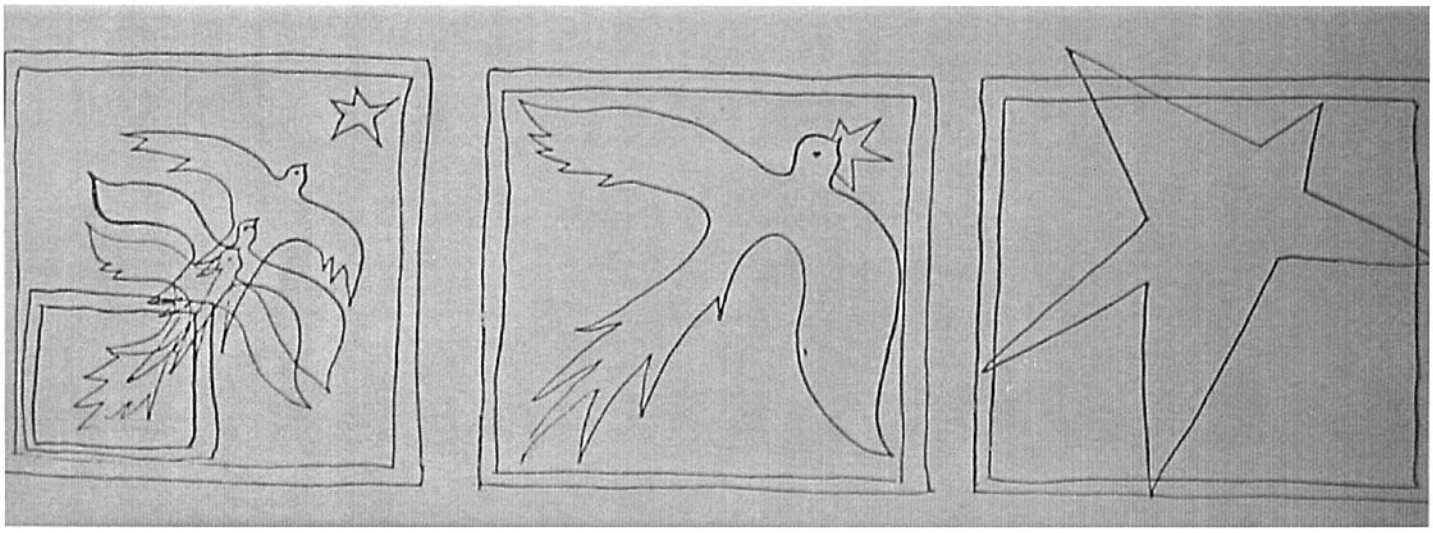
Bruna

Ensino superior - 3

Bruna







"Estrelave"

Nana, 1980

"É a sensação de estar inteiro no que está realizando que une o artista à criança."

(ALBANO, 1984, p. 37)

CAPÍTULO 2
DANDO LUGAR AOS SONHOS

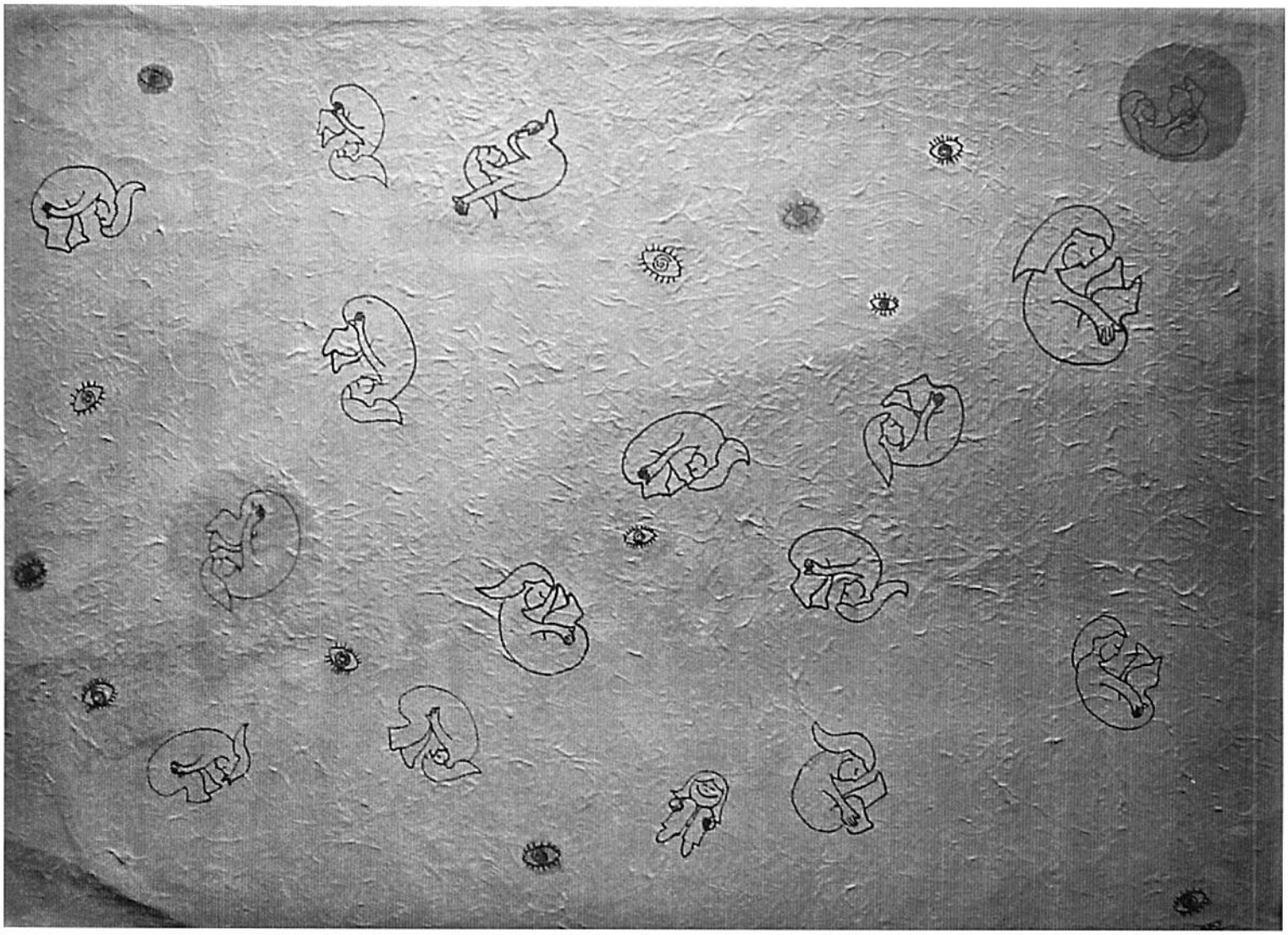
"Em nossa época, quando as terminologias simbólicas tradicionais foram amplamente esquecidas e substituídas pelo jargão transitório e superficial da publicidade comercial e política, determinadas noções atávicas permanecem ligadas ao espectro das cores. O vermelho, a despeito de sua conotação política trivial, ainda retém seu sentido de perigo e de sangue; o verde, para além da publicidade ecológica, ainda significa renovação e segurança; o azul, apesar dos uniformes militares, ainda equivale a verdade e proibidade. Os psicólogos das cores exploram essas associações ancestrais, e suas descobertas são usadas, repetidamente, não só por publicitários mas também por arquitetos, cozinheiros, decoradores e autoridades dos transportes para escolher as cores de escolas e hospitais, combinações de alimentos, áreas residenciais, carros e aviões. Um muro colorido ou um instrumento colorido transmite uma mensagem de segurança ou um alerta, uma sensação de calma ou de agitação.

Ao contrário de uma superfície colorida, um espaço em branco parece exigir um preenchimento, desperta em nós uma vontade de intrusão."

(MANGUEL, 2001, p. 51)

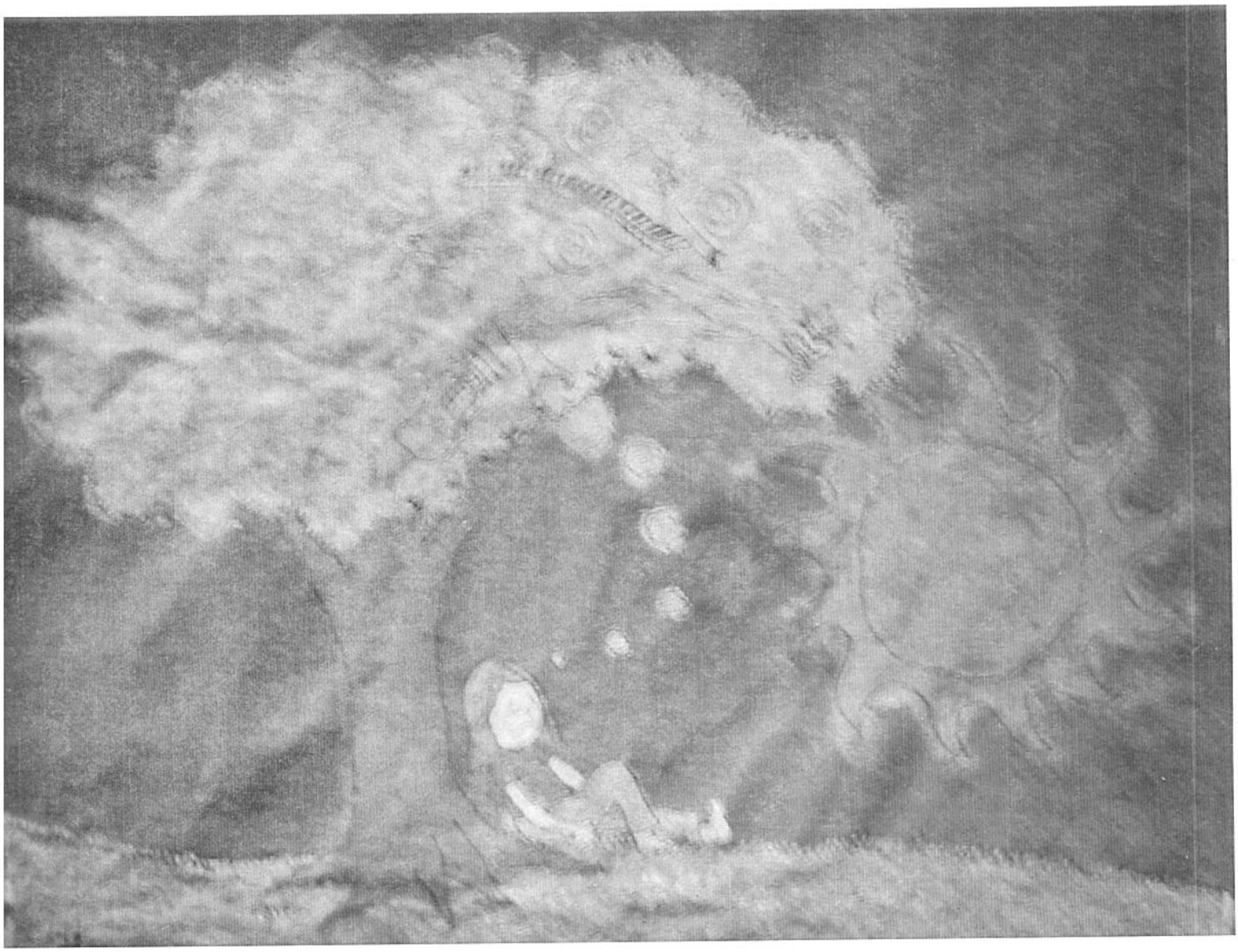
(desconhecido)

Tonucci, 1987



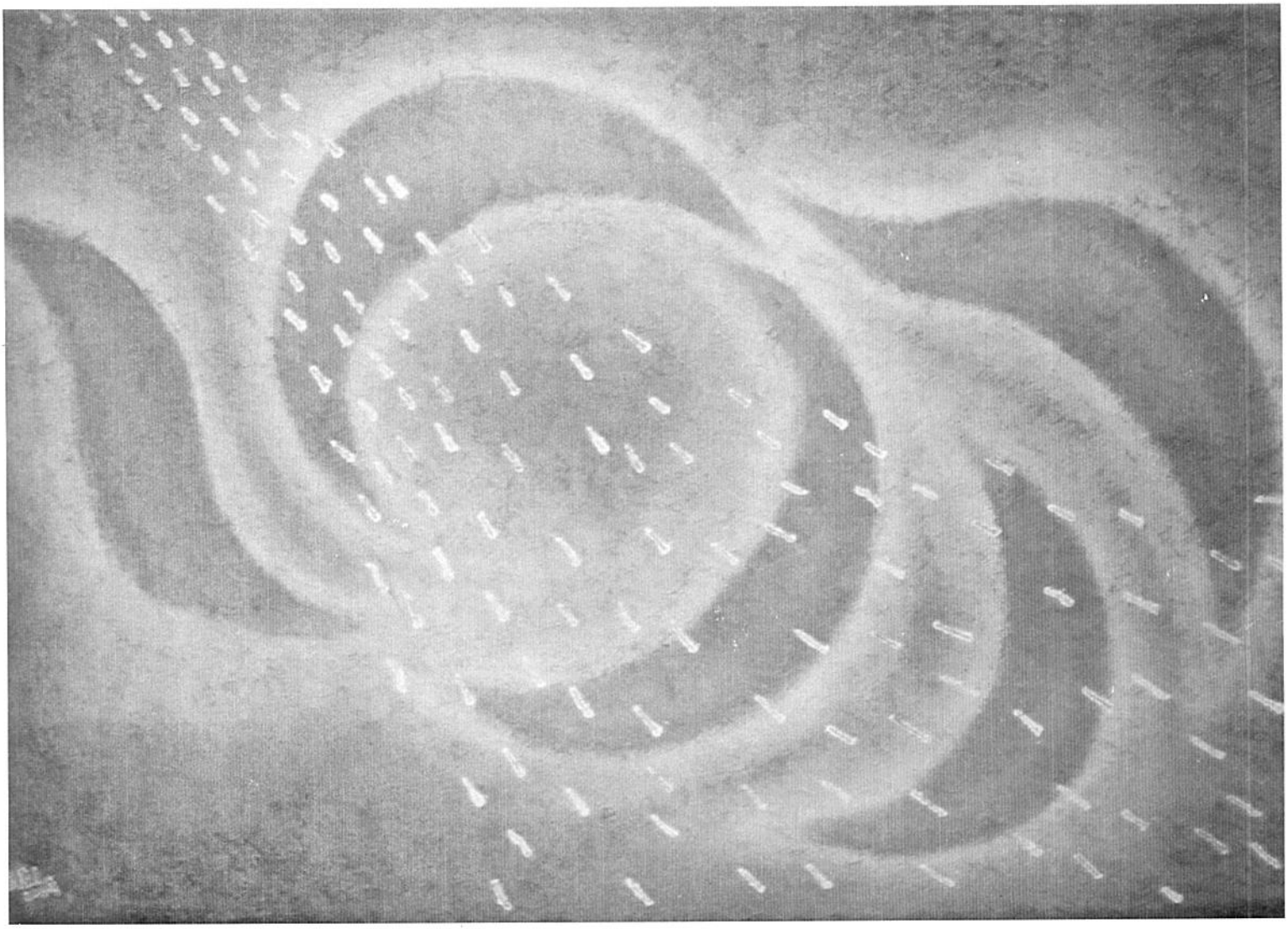
"Cambalhotas"

BEL, 2004



"Sonho-pesadelo"

BEL, 2004

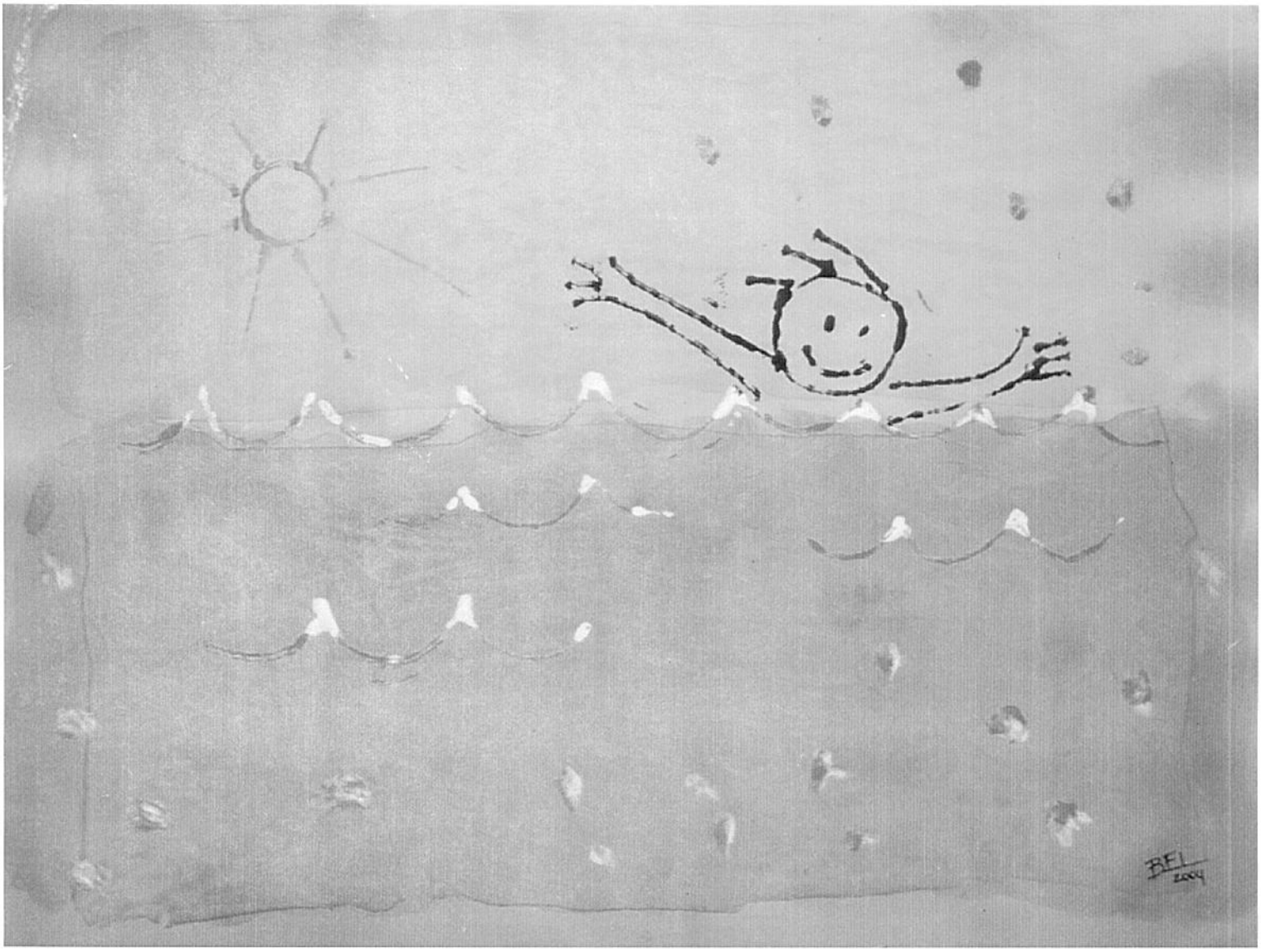


"Devaneio"

BEL, 2004

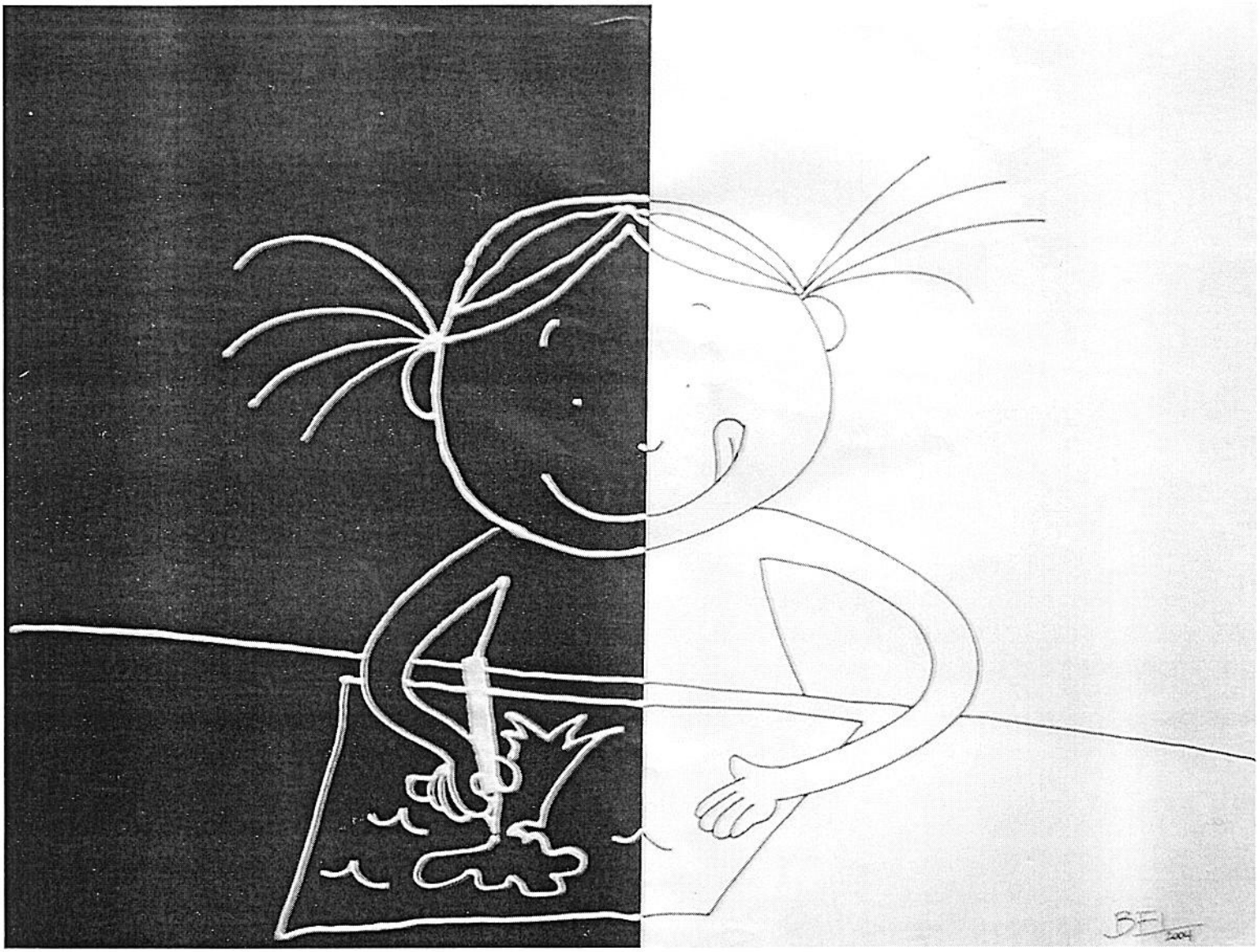
Presente para a história do Ricardo P.P.

BEL, 2004



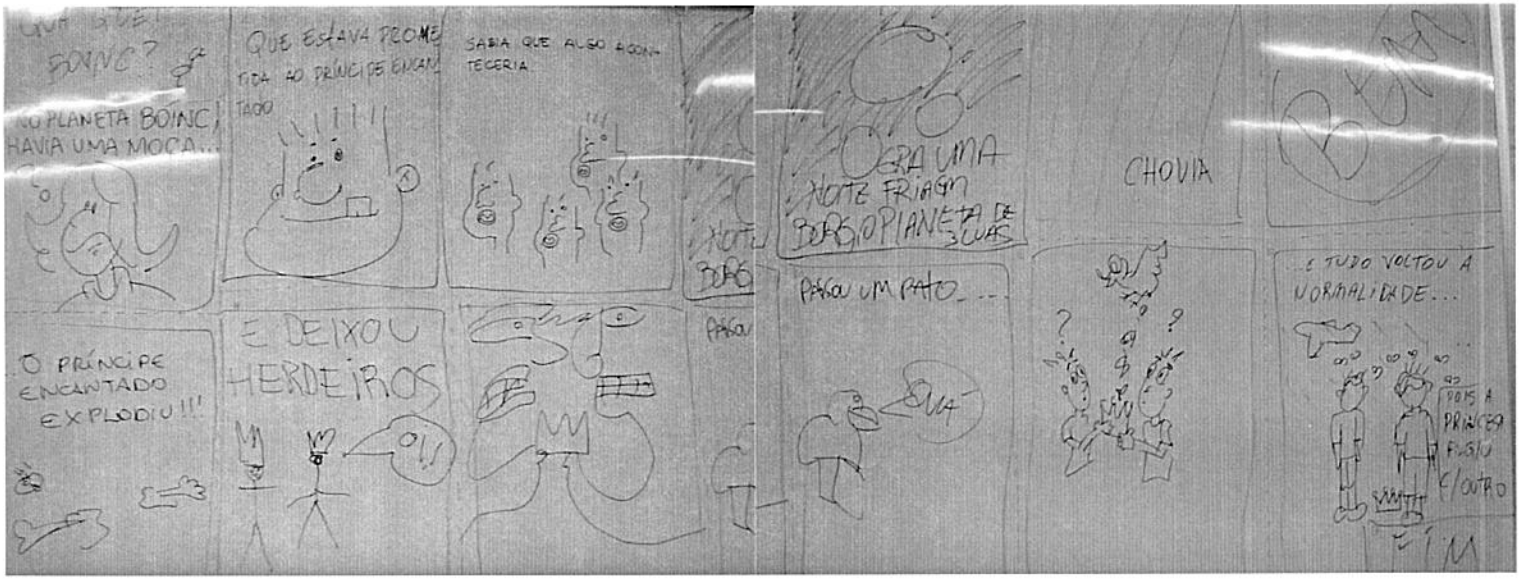
Mural Thema: gravura com barbante

BEL, 2004



Mural Thema: interferência no suporte

BEL, 2004



Atividade da disciplina Didática Aplicada ao Ensino de Educação Artística:
quadrinho interativo, 2004

CAPÍTULO 3
CONCLUSÃO

Como Wang-Fô foi salvo

Marguerite Yourcenar

"O velho pintor Wang-Fô e seu discípulo Ling erravam ao longo das estradas do reino de Han.

Avançavam lentamente, pois Wang-Fô, à noite, parava para contemplar os astros e, de dia, para admirar borboletas. Iam pouco carregados, pois Wang-Fô amava a imagem das coisas, não elas próprias, e nenhum objeto do mundo lhe parecia digno de ser comprado, salvo pincéis, potes de laca e tintas da China, rolos de seda e papel-arroz. Eles eram pobres, pois Wang-Fô trocava suas pinturas por uma ração de mingau de milho e desdenhava as moedas de prata. Seu discípulo Ling, vergado sob o peso de um saco pleno de esboços, curvava respeitosamente as costas como se levasse a cúpula celeste, pois aquele saco, aos olhos de Ling, estava repleto de montanhas nevadas, rios na primavera e o rosto da lua no verão.

Ling não nascera para correr os caminhos ao lado de um homem velho que se apoderava da aurora e cativava o crepúsculo. Seu pai fora cambista de ouro; sua mãe fora a única filha de um mercador de jade que lhe legara todos os bens maldizendo-a por não ser um homem. Ling crescera numa casa onde a riqueza eliminava o infortúnio. Aquela existência cuidadosamente fechada o havia tornado tímido. Temia os insetos, a tormenta, o rosto dos mortos. Quando fez quinze anos, o pai lhe escolheu uma esposa e escolheu-a muito bela, pois a idéia da felicidade que proporcionava ao filho consolava-o de ter chegado à idade em que a noite serve para dormir. A esposa de Ling era frágil como um caniço, infantil como o leite, doce como a saliva, salgada como as lágrimas. Após as núpcias os pais de Ling levaram a discrição até a morte, e seu filho ficou só na casa pintada de cinabre, na companhia da jovem mulher, que sorria sem cessar, e de uma ameixeira que a cada primavera oferecia suas flores rosadas. Ling amava aquela mulher de coração límpido como se ama um espelho que jamais embaça, um talismã que protegia sempre. Freqüentava as casas de chá para obedecer a moda e moderadamente favorecia os acrobatas e as bailarinas.

Uma noite, numa taverna, ele teve Wang-Fô como companheiro de mesa. O velho tinha bebido para melhor pintar um bêbado; sua cabeça pendia de um lado como se ele se esforçasse para medir a distância que separava sua mão do copo. O álcool de arroz soltara a língua daquele artesão taciturno, e Wang, naquela noite, falava como se o silêncio fosse um muro e as palavras fossem cores destinadas a cobri-lo. Graças a ele, Ling conheceu a beleza dos rostos ébrios esfumados pelo vapor das bebidas quentes, o escuro esplendor das carnes inigualáveis lambidas pelos golpes de língua de fogo, o delicado róseo das manchas de vinho semeando as toalhas como pétalas fanadas. Um golpe de vento escancarou a janela; o aguaceiro entrou na sala. Wang-Fô inclinou-se para que Ling admirasse o lívido zebrado do raio, e Ling, maravilhoso, cessou de temer a tempestade.

Ling pagou a conta do velho pintor; como Wang-Fô estivesse sem dinheiro e sem hospedagem, ele humildemente ofereceu-lhe pousada. Fizeram o caminho juntos. Ling levava uma lanterna; a luz projetava fogos inesperados nas poças d'água. Naquela noite Ling aprendeu, com surpresa, que os muros de sua casa não eram vermelhos, como acreditava, mas que tinham a cor de uma laranja prestes a apodrecer. Na entrada, Wang-Fô fez que notasse a forma delicada de um arbusto ao qual ninguém prestara atenção até então e comparou-o a uma jovem mulher que deixa secar seus cabelos. No corredor ele seguiu com fascinação a marcha hesitante de uma formiga ao longo das fendas da parede, e o horror de Ling por aqueles insetos desapareceu. Então, compreendendo que Wang-Fô lhe presenteara uma alma e uma percepção novas, Ling respeitosamente deitou o velho no quarto em que seu pai e sua mãe tinham morrido.

Há anos Wang-Fô sonhava em fazer o retrato de uma princesa antiga tocando alaúde sob um salgueiro. Nenhuma mulher era suficientemente irreal para lhe servir de modelo, mas Ling poderia fazê-lo, posto não fosse uma mulher. Depois Wang falou em pintar um jovem príncipe atirando com o arco aos pés de um grande cedro. Nenhum homem jovem do tempo presente era suficientemente irreal para lhe servir de modelo, mas Ling fez com que sua própria mulher poupasse sob a ameixeira do jardim. Em seguida Wang-Fô pintou-a vestida de fada entre as nuvens do poente, e a jovem chorou, pois era um presságio de morte. Desde que Ling passou a preferir os retratos que dela fazia Wang-Fô, seu rosto murchou como a flor da colina ao vento quente ou às chuvas do verão.

Uma manhã encontraram-na pendida dos galhos da ameixeira rosa. As bordas da echarpe que a estrangulava flutuavam mesclados à sua cabeleira; ela parecia ainda mais delicada que de costume e pura como as belezas celebradas pelos poetas dos tempos antigos. Wang-Fô pintou-a pela última vez, pois ele amava o tom esverdeado que recobre a figura dos mortos. Seu discípulo Ling misturava as cores e esta tarefa exigia tanta aplicação que ele esqueceu-se de verter as lágrimas.

Sucessivamente Ling vendeu seus escravos, seus jades e os peixes de sua fonte para proporcionar ao mestre os potes de tinta púrpura que vinham do Ocidente. Quando a casa ficou vazia, eles a deixaram e Ling fechou atrás de si a porta de seu passado. Wang-Fô estava cansado daquela cidade onde os rostos já não podiam lhe ensinar nenhum segredo da fealdade ou da beleza, e o mestre e o discípulo vagabundearam juntos pelas rotas do reino de Han.

Sua reputação os precedia nas cidades, no pórtico das fortalezas onde os inquietos peregrinos refugiavam-se ao crepúsculo. Dizia-se que Wang-Fô tinha o poder de dar vida às suas pinturas por um último toque de cor que acrescentava a seus olhos. Os camponeses vinham suplicar que lhes pintasse um cão de guarda e os senhores queriam imagens de soldados. Os sacerdotes honravam Wang-Fô como um sábio; o povo o temia como um feiticeiro. Wang alegrava-se com estas opiniões diversas que lhe permitiam estudar à sua volta as expressões de gratidão, de medo, de veneração.

Ling mendigava o alimento, velava o sono do mestre e aproveitava seus estases para massagear-lhes os pés. Ao romper do dia, quando o velho ainda dormia, ele partia à caça de tímidas paisagens dissimuladas atrás de ramos de rosas. À noite, quando o mestre, desencorajado, lançava os pincéis ao chão, ele os juntava. Quando Wang ficava triste e falava da velhice, Ling sorrindo lhe mostrava o sólido tronco de um velho carvalho; quando Wang ficava alegre e narrava suas bravatas, Ling humildemente fingia escutá-lo.

Um dia, ao por do sol, chegaram aos arredores da cidade imperial e Ling procurou para Wang-Fô um albergue onde passar a noite. O velho enrolou-se nuns trapos e Ling deitou-se junto a ele para aquecê-lo, pois a primavera acabava de nascer e o chão de terra batida ainda estava gelado. Pela aurora, passos pesados ressoavam nos corredores do albergue; ouviam-se os murmúrios assustados do hospedeiro e as ordens gritadas em língua bárbara. Ling tremeu ao lembrar que na véspera havia roubado um doce de arroz para a refeição do mestre. E não duvidando que vinham prendê-lo, perguntava-se quem, no outro dia, ajudaria Wang-Fô cruzar a pinguela do próximo rio.

Os soldados entraram com lanternas. A chama, filtrando-se através do papel colorido, lançava clarões vermelhos e azuis sobre seus capacetes de couro. A corda de um arco vibrou em suas costas e os mais ferozes lançavam rápidas imprecações sem razão. Eles deitaram a pesada mão sobre a nuca de Wang-Fô, que não pôde impedir-se de notar que suas mangas não combinavam com a cor do casaco.

Sustentado pelo discípulo, Wang-Fô seguiu os soldados tropeçando ao longo de caminhos desiguais. Aglomerados, os passantes zombavam daqueles dois criminosos que, sem dúvida, seriam decapitados. A todas as perguntas de Wang os soldados respondiam com expressão selvagem. Suas mãos atadas sofriam e Ling, desesperado, sorria olhando o mestre, o que era para ele uma maneira mais terna de chorar.

Eles chegaram à entrada do palácio imperial, cujos muros violeta dispunham-se em pleno dia com uma face do crepúsculo. Os soldados fizeram abrir-se a Wang-Fô inumeráveis salas quadradas ou circulares cujas formas simbolizavam as estações, os pontos cardeais, o masculino e o feminino, a longevidade, as prerrogativas do poder. As portas giravam sobre si mesmas emitindo uma nota musical e sua ordem era tal que se poderia percorrer toda a gama atravessando o palácio do este ao poente. Tudo concertava-se para dar idéia de uma potência e de uma sutileza sobre-humana, e sentia-se que as mínimas ordens ali pronunciadas deveriam ser definitivas e terríveis como a sabedoria dos ancestrais. Enfim, o ar se rarefez; o silêncio tornou-se tão profundo que nem mesmo um supliciado ousaria gritar. Um eunuco afastou uma tapeçaria; os soldados tremeram como mulheres e a pequena trupe entrou na sala onde pontificava o Filho do Céu. Era uma sala desprovida de paredes, sustentada por grossas colunas de pedra azul. Um jardim estendia-se do outro lado dos fustes de mármore e cada flor abrigada naqueles pequenos canteiros pertencia a uma espécie rara trazida do outro lado do oceano. Mas nenhuma tinha perfume, de medo que a meditação do Dragão Celeste fosse perturbada pelos bons odores. Por respeito ao silêncio em que banhava seus pensamentos, nenhum pássaro era admitido no interior das muralhas e até as abelhas eram caçadas. Um muro enorme separava o jardim do resto do mundo, para que o vento, que passa sobre os cães sarnentos e os cadáveres nos campos de batalha não se permitisse tocar a manga do Imperador.

O Mestre Celeste estava sentado num trono de jade e suas mãos eram enrugadas como as de um velho, embora ele tivesse apenas vinte anos. Seu traje era azul para representar o inverno e verde para recordar a primavera. Seu rosto era belo, mas impassível como um espelho colocado muito alto e que só refletisse os astros e o céu implacável. Tinha à direita o Ministro dos Prazeres Perfeitos e à esquerda u Conselheiro dos Justos Castigos. Como os cortesãos, dispostos aos pés das colunas, esticassem a orelha para recolher a mais breve palavra que saísse de seus lábios, ele havia adquirido o hábito de falar sempre em voz baixa.

- Dragão Celeste, disse Wang-Fô prosternado. Sou velho, sou pobre, sou fraco. Tu és como o verão, eu sou como o inverno. Tens Dez Mil Vidas, eu tenho apenas uma prestes a terminar. O que te fiz? Amarraram minhas mãos, que jamais te incomodaram.

- Tu perguntas o que me fizeste, velho Wang-Fô? – disse o Imperador.

Sua voz era tão melodiosa que dava vontade de chorar. Ele ergueu a mão direita, que os reflexos do pavimento de jade fizeram parecer esverdeada como uma planta submarina e Wang-Fô, maravilhado pelo cumprimento daqueles dedos finos, procurou em suas lembranças se não tinha feito do Imperador ou de seus ancestrais algum retrato medíocre que merecesse a morte. Porém era pouco provável, pois Wang-Fô, até ali, pouco freqüentara a corte de imperadores, preferindo a choupana de camponeses ou, nas cidades, os arrebaldes das prostitutas e as tavernas ao longo do cais onde se altercam os estivadores.

- Tu perguntas o que me fizeste, velho Wang-Fô? – repetiu o Imperador, pendendo o esguiu pescoço para o velho homem que o escutava. Vou te dizer. Mas, como o veneno dos outros só pode estender-se em nós através de nossas nove aberturas, para colocar-te em face de teus erros devo te conduzir ao longo de minha memória e contar-te toda a minha vida. Meu pai tinha reunido uma coleção de tuas pinturas na câmara mais secreta do palácio, pois ele era de opinião que os personagens dos quadros devem ser subtraídos da vista dos profanos, em presença dos quais não poderiam baixar os olhos. Foi nestas salas que fui educado, velho Wang-Fô, pois tinham organizado à minha volta a solidão que me permitisse ali crescer. Para poupar à minha candura a lama das almas humanas, tinham afastado de mim o fluxo agitado de meus assuntos futuros e a ninguém era permitido passar diante de minha porta, para que a sombra de um homem ou de uma mulher não se estendesse até a mim.Os poucos velhos criados que me foram destinados mostravam-se o menos possível. As horas giravam em círculo; as cores de tuas pinturas avivavam-se com a aurora e empalideciam com o crepúsculo.

À noite, quando não conseguia dormir, eu as contemplava e, por quase dez anos, eu as vi todas as noites. De dia, sentado num tapete cujo desenho sabia de cor, repousando a palma de minhas mãos vazias nos meus joelhos de seda amarela, sonhava com as alegrias que o futuro me traria. Imaginava o mundo, com o país de Han no centro, tal como a planície monótona e vazia das mãos sulcadas pelas linhas fatais do Cinco Rios. Em volta, o mar onde nascem os monstros e, mais longe ainda, as montanhas que sustentam o céu. E, para ajudar-me a imaginar todas estas coisas, servia-me de tuas pinturas. Tu me fizeste crer que o mar assemelhava-se à vasta toalha d'água estendida em suas telas, tão azul que uma pedra ali tombada se transformaria numa safira, que as mulheres abriam-se e fechavam-se tal como as criaturas que avançam, levadas pelo vento, pelas alamedas de teus jardins, e que os jovens guerreiros de porte esguio que montam guarda nas fortalezas eram, eles próprios, flechas que poderiam vos transpassar o coração. Aos dezesseis anos vi reabrirem-se as portas que me separavam do mundo: fui levado ao terraço do palácio para olhar as nuvens, porém não eram tão belas como as de teus crepúsculos. Pedi minha liteira: sacudido por caminhos onde não podia prever nem a lama nem as pedras, percorri as províncias do Império sem encontrar teus jardins plenos de mulheres parecidas com lucíolas, tuas mulheres cujos corpos são eles próprios um jardim. Os seixos das praias me afastaram dos oceanos; o sangue dos supliciados é menos rubro que a romã figurada em tuas telas; a ralé das aldeias me impede de ver a beleza dos arrozais; a carne das mulheres vivas me repugna como a carne morta que pende do gancho dos açougues e o riso espesso dos meus soldados me causa nojo. Tu me mentiste, Wang-Fô, velho impostor: o mundo não é o mais belo dos reinos e eu não sou o Imperador. O único império sobre o qual vale a pena reinar é aquele onde tu penetras, velho Wnag-Fô, pelo caminho das Mil Curvas e das Mil Cores. Só tu reinas em paz sobre montanhas cobertas pela neve que não derrete e sobre campinas de narcisos que não podem morrer. E eis porque, Wang-Fô, procurei qual castigo te estaria reservado, a ti cujos sortilégios me decepcionaram de tudo aquilo que possuo e me despertaram o desejo por tudo aquilo que não possuirei jamais. E para te prender no único calabouço do qual não podes fugir, decidi que te queimassem os olhos, pois que teus olhos, Wang-Fô, são as duas portas mágicas que franqueiam teu reino. E posto que tuas mãos são os dois caminhos com as dez encruzilhadas que te levam ao coração de teu império, decidi que te decepem as mãos. Tu me compreendes, velho Wang-Fô?

Ao ouvir esta sentença, o discípulo Ling arrancou da cintura um punhal desbeiçado e precipitou-se sobre o Imperador. Dois guardas o apanharam. O Filho do Céu sorriu e acrescentou num suspiro:

- E também te odeio, velho Wang-Fô, porque soubeste te fazer amado. Matem este cão.

Ling deu um salto à frente para evitar que o sangue manchasse a roupa do mestre. Um dos soldados ergueu o sabre e a cabeça de Ling destacou-se da nuca, tal uma flor cortada. Os serviçais levaram seus restos e Wang-Fô, desesperado, admirava a bela mancha escarlate que o sangue do discípulo traçava sobre o pavimento de pedra verde.

O Imperador fez um sinal e dois eunucos enxugaram os olhos de Wang-Fô.

- Escuta, velho Wang-Fô, disse o Imperador, se seca tuas lágrimas, pois não é o momento de chorar. Teus olhos devem permanecer claros, para que a pouca luz que te resta não seja turvada por teu choro. Pois não é apenas por rancor que desejo tua morte; não é apenas por crueldade que quero te ver sofrer. Tenho outros projetos, velho Wang-Fô. Possuo na minha coleção de tuas obras uma pintura admirável, onde as montanhas, o estuário dos rios e o mar se refletem, infinitamente reduzidos, sem dúvida, mas com uma evidência que ultrapassa a dos próprios objetos, como as figuras que se projetam na superfície de uma esfera. Porém, esta pintura está inacabada, Wang-Fô, tua obra está em esboço. Sem dúvida, no momento em que pintavas, sentado num vale solitário, observaste um pássaro que passava ou uma criança perseguindo aquele pássaro. E o bico da ave ou as alegrias da criança fizeram-te esquecer as pálpebras azuis das ondas. Tu não terminaste as franjas do manto do mar, nem os cabelos de algas dos rochedos. Wang-Fô: quero que consagres as horas de luz que te restam a terminar esta pintura que, assim, conterá os últimos segredos acumulados ao longo de tua vida. Não há dúvida que tuas mãos, prestes a tombar, vacilarão sobre a tela de seda e o infinito penetrará em tua obra por estas frestas da desgraça. E não há dúvida que teus olhos, tão próximos de serem nada, descobrirão afinidades no limite dos sentidos humanos. Tal o meu projeto, velho Wang-Fô, e posso forçar-te a realizá-lo. Se recusas, antes de te cegar, faço queimar todas as tuas obras e, então, serás como um pai a quem massacraram os filhos e destruíram a esperança de posteridade. Porém, acima de tudo, creias – se quiseres – que esta última ordem é um reflexo da minha benevolência, pois bem sei que a tela foi a única amante que tu acariciaste. E oferecer-te pincéis, cores e tintas para ocuparem tuas últimas horas é dar a alegria de um filho a um homem que se leva à morte.

A um sinal do dedo mínimo do Imperador dois eunucos trouxeram, respeitosamente, a tela inacabada onde Wang-Fô havia traçado a imagem do mar e do céu. Wang-Fô secou as lágrimas e sorriu, pois aquele pequeno esboço lembrou sua juventude. Tudo ali atestava uma frescura de alma à qual Wang-Fô já não podia mais pretender. Porém faltava-lhe alguma coisa, pois na época em que Wang-fô a havia pintado, ele ainda não tinha contemplado suficientemente as montanhas, nem os rochedos que banham no mar seus flancos nus, nem tinha penetrado o bastante na tristeza do crepúsculo. Wang-Fô escolheu um dos pincéis que um escravo lhe apresentava e pôs-se a estender sobre o mar inacabado largas pinceladas azuis. Um eunuco, agachado a seus pés, misturava as cores; cumpria muito mal aquela tarefa e mais que nunca Wang-Fô sentiu a falta de seu discípulo Ling.

Wang começou por pintar de rosa a ponta da asa de uma nuvem pousada sobre uma montanha. Depois acrescentou à superfície do mar pequenas rugas que tornavam mais profundo o sentimento de sua serenidade. O pavimento de jade tornou-se singularmente úmido, mas Wang-Fô, absorto na pintura, não se apercebia que trabalhava com os pés na água. O frágil escaler crescia sob os toques do pincel do pintor, ocupando, agora, todo o primeiro plano da tela de seda. O ruído cadenciado dos remos elevava-se súbito na distância, rápido e vivo como um bater de asas. O ruído foi se aproximando, encheu docemente toda a sala, depois cessou e gotas tremiam, imóveis, suspensas nos remos do barqueiro. Há muito tempo o ferro rubro destinado aos olhos de Wang-Fô jazia estendido sobre o braseiro do algoz. Com água até as costas, os cortesãos, imobilizados pela etiqueta, erguiam-se na ponta dos pés. Enfim, a água alcançou o nível do coração imperial. O silêncio era tão profundo que se poderia ouvir o tombar de uma lágrima.

Era mesmo Ling. Ele trajava a roupa velha de sempre e a manga direita ainda mostrava os traços de uma mancha que não tivera tempo de limpar, de manhã, antes da chegada dos soldados. Porém ele trazia, em volta do pescoço, um estranho laço vermelho.

Continuando a pintar, Wang-Fô lhe disse suavemente:

- Eu te acreditava morto.

- Vós vivendo, disse Ling respeitosamente, como eu poderia morrer?

Ele ajudou o mestre a subir no barco. O teto de jade refletia-se na água, de maneira que Ling parecia navegar no interior de uma gruta. As tranças dos cortesãos submersos ondulavam na superfície como serpentes e a pálida cabeça do Imperador flutuava como um lótus.

- Veja, meu discípulo, disse melancolicamente Wang-Fô. Estes infelizes vão perecer, se já não pereceram. Eu não duvidava que houvesse suficiente água no mar para afogar um Imperador. O que posso fazer?

- Não temais nada, Mestre, murmurou o discípulo. Logo eles estarão secos e nem se lembraram que suas mangas estavam molhadas. Só o Imperador guardará no seu coração uma pequena amargura marinha. Esta gente não foi feita para perder-se no interior de uma pintura.

E acrescentou:

- O mar é belo, o vento é bom, os pássaros marinhos fazem seus ninhos. Partamos, meu Mestre, para o país além das vagas.

- Partamos, disse o velho pintor.

Wang-Fô surpreendeu-se no leme e Ling debruçou-se nos remos.

A cadência dos remos inundou de novo toda a sala, firme e regular como o bater de um coração. O nível da água diminuía insensivelmente em redor dos grandes rochedos verticais que voltavam a ser colunas. Logo, algumas raras poças brilhavam solitárias nas depressões do pavimento de jade. As vestes dos cortesões estavam secas, mas o Imperador guardava alguns flocos de espuma na franja de seu manto. A tela terminada por Wang-Fô estava posta contra uma tapeçaria. Um barco ocupava todo o primeiro plano. Ele afastava-se pouco a pouco, deixando atrás de si uma leve esteira que voltava a fechar-se sobre o mar imóvel. Logo, já não se distinguia o rosto de dois homens sentados no barco. Mas ainda percebia-se o lenço vermelho de ling e a barba de Wang-Fô flutuando ao vento.

O pulsar dos remos foi diminuindo, depois cessou, obliterado pela distância. O Imperador, inclinado para frente, com a mão nos olhos, via afastar-se o barco de Wang-Fô que já não era mais que um ponto imperceptível na palidez do crepúsculo. Uma névoa de ouro elevou-se e estendeu-se sobre o mar. Por fim, o barco contornou um rochedo que fechava o mar aberto; a sombra de uma vaga caiu sobre ele; a esteira apagou-se na superfície deserta e o pintor Wang-Fô e seu discípulo Ling desapareceram para sempre sobre aquele mar de jade azul que Wang-Fô acabava de inventar."

"Meus desafios não têm uma resposta única, podem ser resolvidos de várias maneiras. À medida que o trabalho se desenvolve, tornam-se cada vez mais abertos, incomuns e irracionais. Uma tarefa artística realmente boa é fazer cada vez mais com que os seus alunos pensem o oposto, pensem de maneiras totalmente diferentes..."

ESPAÇO, CORPO, MATERIAL, TEMPO, O ADULTO – cinco fatores centrais que não devem limitar:

... o estar num espaço desafiador;

a disponibilidade para o corpo se movimentar livremente;

a decisão pessoal da criança de onde ficar na sala;

a escolha de materiais pela criança;

a oportunidade de experimentar;

o controle de tempo;

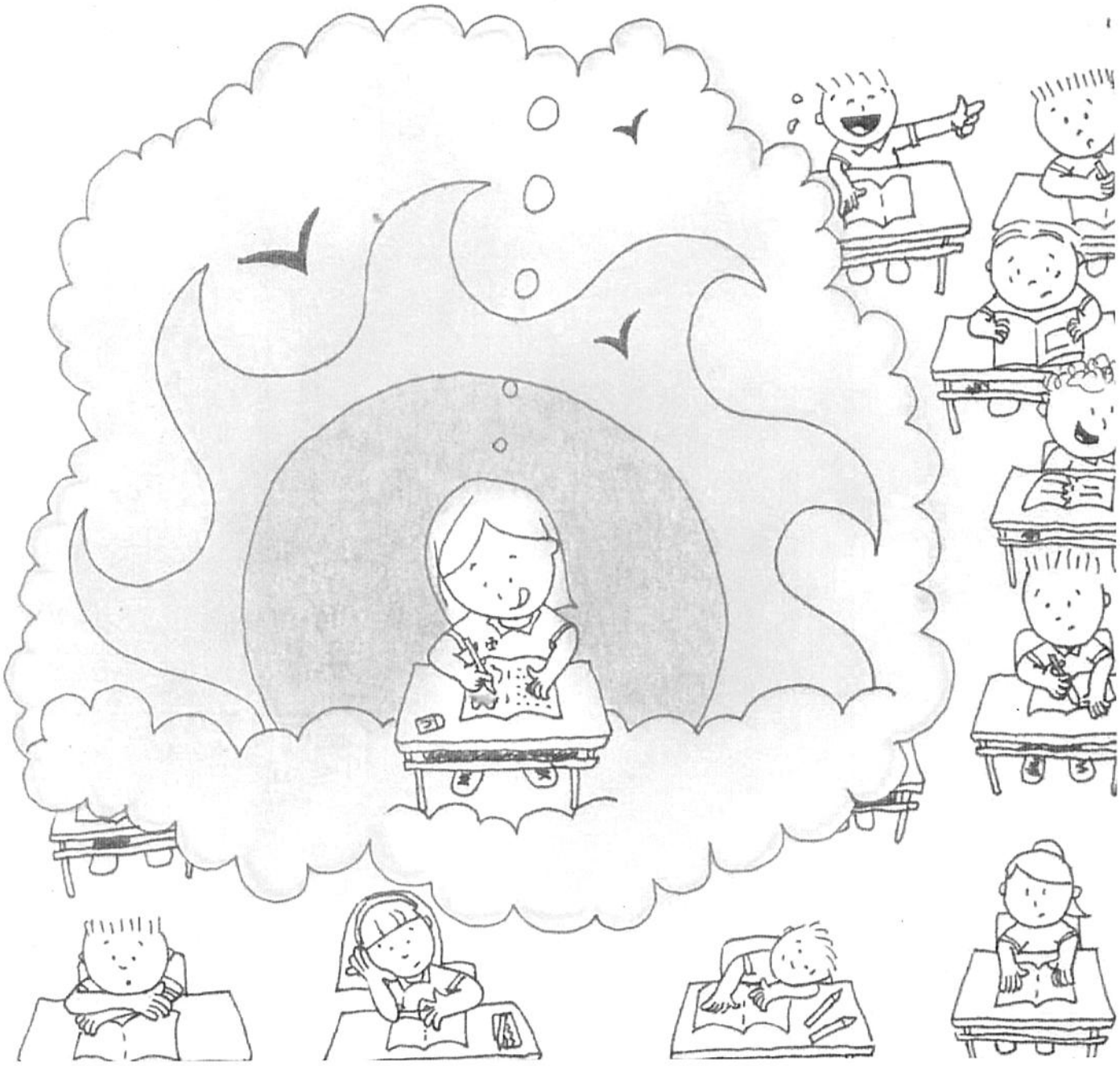
a conversa, o bate-papo;

a liberdade da criança para ser ela mesma."

(HOLM, in Pro-Posições, 2004, p. 84)

... e brincar com o que há...
... testar possibilidades...
... olhares sobre o mundo!
E tem coisa melhor que participar desses percursos?

POSFÁCIO



Ampliação do quadro "No ensino fundamental – 1" (Bruna). da página 30 deste

Viver o espaço imaginativo do desenho dentro da educação foi viver o conflito entre o real do adulto e o real da criança.

Sempre gostei de me perder no interior de um desenho, assim como fez Wang-Fô em suas pinturas. Sempre gostei e, por isso, optei por não parar – como fizeram meus colegas. O espaço para o desenho e para a imaginação foi diminuindo gradativamente no espaço da educação. E o conflito foi ficando cada vez maior, precisando buscar brechas para continuar.

E o desenrolar deste trabalho foi em busca deste espaço.

Do Seminário Internacional de Educação Estética – Lugares do Olhar (realizado em abril deste ano, no Centro de Convenções da UNICAMP), surgiu o "Cambalhotas" (página 72), o primeiro passo dessa transgressão. Um lapso benjaminiano de ter consciência e usar minha própria história para pensar o adiante.

Também participei das disciplinas "Didática aplicada ao ensino de educação artística" e "Estágio supervisionado I" com alunos da licenciatura de artes plásticas, convívio este que foi único e que permitiu a dinâmica da página 78, além de muitas reflexões sobre a relação arte-educação.

As experiências contadas pela Anna-Marie Holm e pela Nana abriram as portas da janela, possibilitando-me perceber que bastava eu querer para esse espaço acontecer.

Penso, agora, que o mais importante seja a consciência... Consciência da importância da ação do profissional que OPTA por educar e apresentar mais vocabulários para as muitas possibilidades de linguagens que há, pensando que cada ação, cada detalhe, cada imagem e cada impressão são verdadeiras intervenções na construção de percurso de cada criança. De cada ser humano.

Por que, então, não permitir esse espaço?

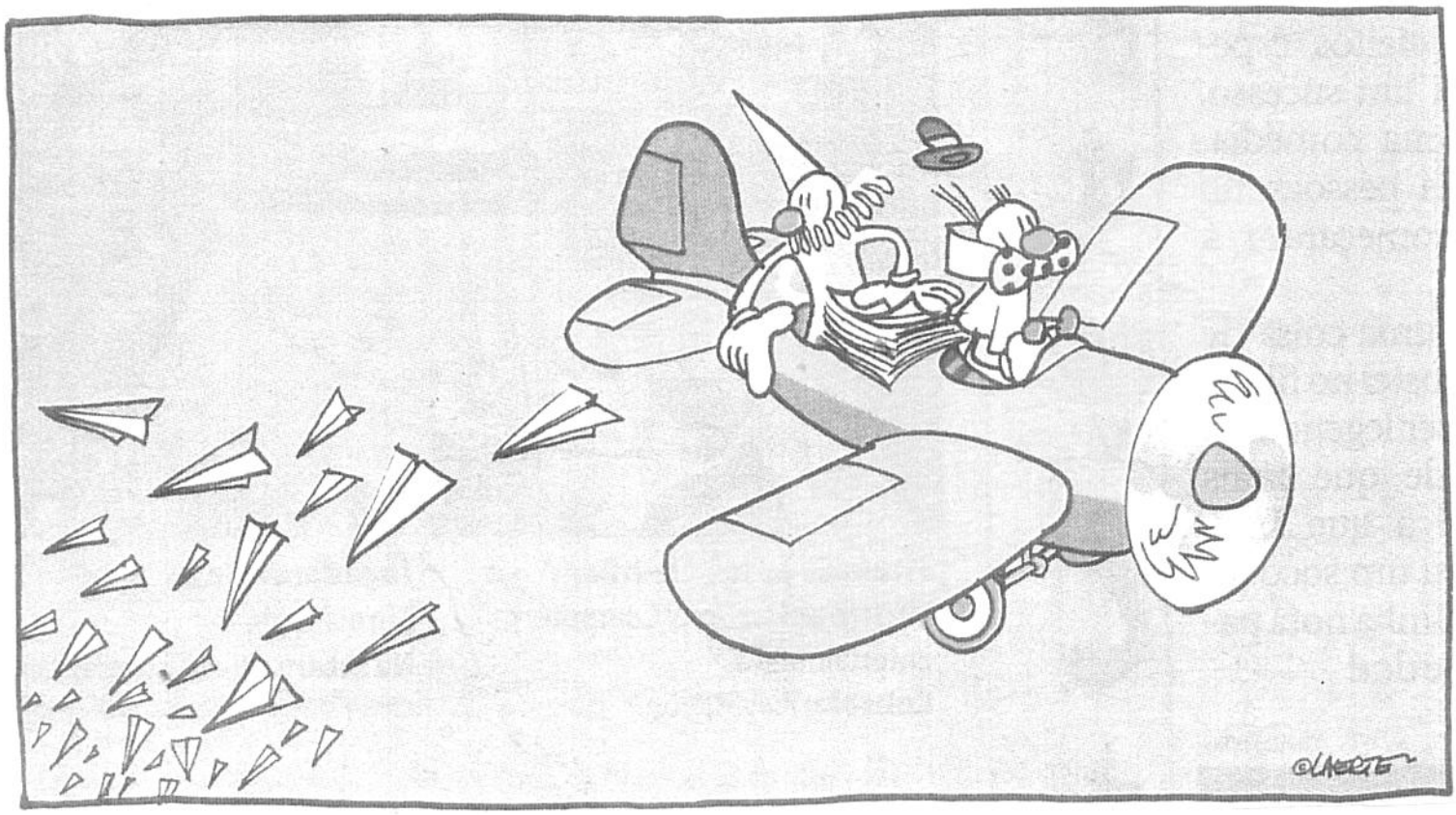
Agora eu sei que é possível.

"Eu gosto de desenhar, porque quando eu desenho, meu coração bate."

Letícia, 5 anos

Projeto Sementinha

Santo André / SP, 2004



Suriá

Laerte, 2004

BIBLIOGRAFIA

ALBANO, A. A. O *espaço do desenho: a educação do educador*. SP: Edições Loyola, 1984.

ANDRADE, M. de. Do desenho. in: ANDRADE, M. de. Aspectos das Artes Plásticas no Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

BARCELLOS, G. *Jung, junguianos e arte: uma breve apreciação*. in: Pro-Posições. Campinas-SP: Faculdade de Educação – UNICAMP, v. 15, n. 1, jan/abr.2004. pp.27-38.

BRADMAN, T. e ROSS, T. *Miguel*. RJ: Salamandra, 1990.

CAMOSSA, S. e MESQUITA, C. *Escolhas que brilham*. SP: Callis, 2002.

CECCON, C. e outros. *Cuidado, escola!* SP: Brasiliense / IDAC, 1985.

CRATZIUS, B., MARK, B. e SCHLIEHE, K. *Ich schenke Dir ein buntes Jahr*. Freiburg: Herder, 1999.

DAHL, R. *Matilda*. SP: Martins Fontes, 1999.

FEIFFER, J. *O homem no teto*. SP: Cia. das Letras, 1994.

GAILLARD, C. *Acordos e desacordos de um casal: um junguiano lecionando com uma lacaniana*. in: Pro-Posições. Campinas-SP: Faculdade de Educação – UNICAMP, v. 15, n. 1, jan/abr.2004. pp.11-18.

GREIF, K. e OBERDING, C. *Construindo identidades criadoras*. SP: Centro de Estudos da Escola da Vila, 2004.

HOCHSTEIN, M. *Im Atelier bei Günter Grass*. in: Art&Graphic magazine. Spardorf: Faber-Castell, October/2004. n. 4. p. 6.

HOLM, A. M. *A energia criativa natural*. in: Pro-Posições. Campinas-SP: Faculdade de Educação – UNICAMP, v. 15, n. 1, jan/abr.2004. pp.83-95.

MANGUEL, A. *Lendo imagens*. SP: Companhia das Letras, 2001.

QUINO. *Toda Mafalda*. SP: Martins Fontes, 1993.

PLACE, F. *O velho louco por desenho*. SP: Companhia das Letrinhas, 2004.

PORCHER, L. *Aristocratas e plebeus*. in: Porcher, I. (org.) Educação artística: luxo ou necessidade? SP: Summus, 1982.

SAINT-EXUPÉRY, A. de. *O Pequeno Príncipe*. (com aquarelas do autor) RJ: Agir, 1975.

SEEGER, H. *Wer? Wie? Was? 1*. Bonn: GmbH, 1991.

SEMPÉ, J. J. e GOSCINNY, R. *O pequeno Nicolau e seus colegas*. SP: Martins Fontes, 1998.

SEMPÉ, J. J. e GOSCINNY, R. *Le petit Nicolas*. Paris: Éditions Denoël, 2002a.

SEMPÉ, J. J. e GOSCINNY, R. *Le petit Nicolas et lês copains*. Paris: Éditions Denoël, 2002b.

TONUCCI, F. *Criança se nasce*. Lisboa: Instituto Piaget, 1987.

VECCHI, V. *O papel do atelierista*. in: Edwards, C., Gandini, L. e Forman, G. As cem linguagens da criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. pp. 129-136.

VYGOTSKY, L. S. *La imagination y el arte em la infância*. México: Hispânicas, 1987.

YOURCENAR, M. *Como Wang-Fô foi salvo*. (tradução: Paulo Marcos Del Greco) in: Nouvelles Orientales. Paris: Gallimard, 1978.

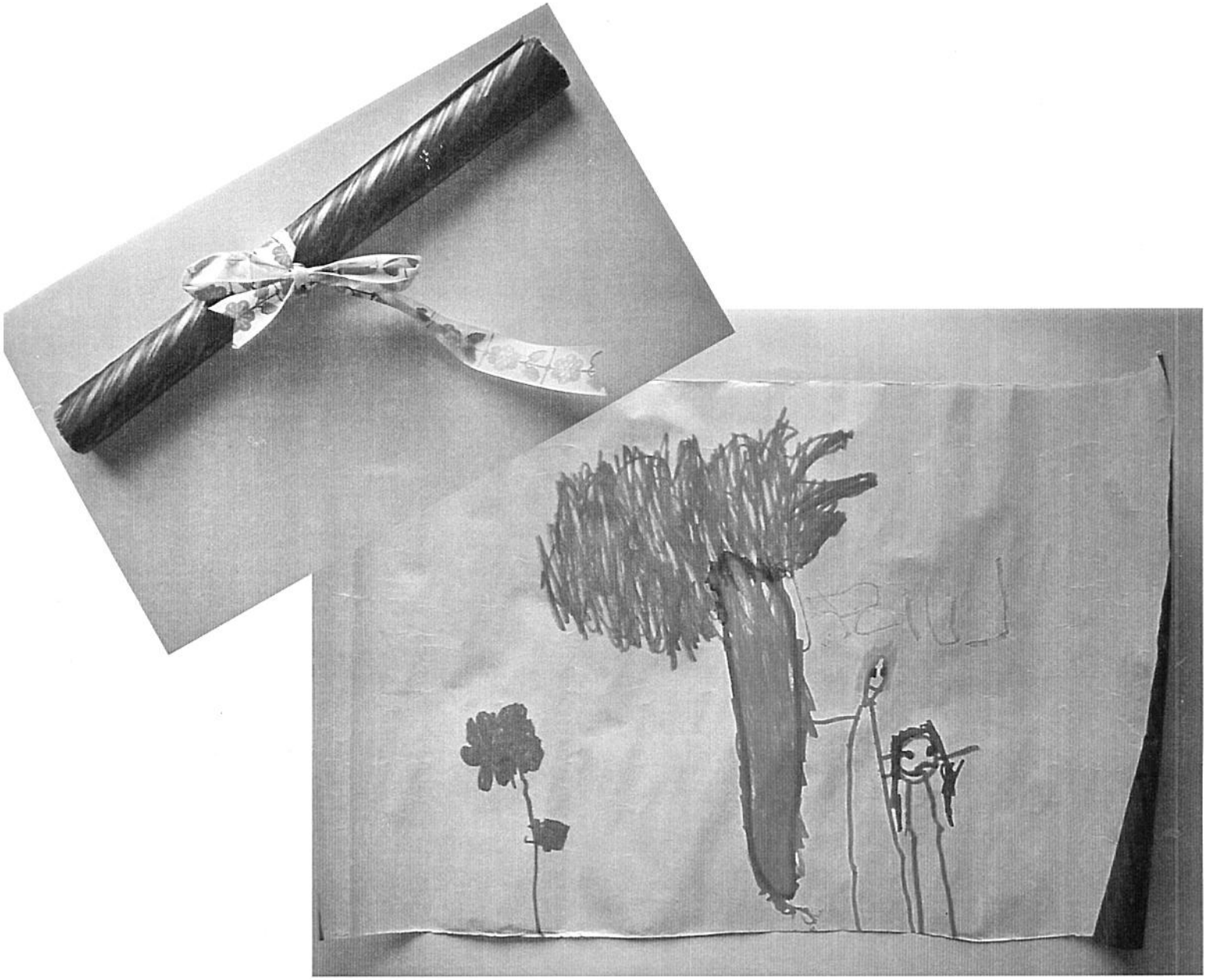
NOTAS

(1) p. 15. Bruna = a autora. Aparece na legenda de cada desenho feito pela mesma.

(2) p. 41. "(nehmen) herausnehmen" foi uma anotação feita pela autora sobre a folha proposta de redação de alemão no ensino fundamental.

(3) p. 45. O quadrinho "Suriá na escola" foi retirado do site www.uol.com.br/laerte.

(4) p. 47. O quadrinho "Geraldinho na escola" foi retirado do site www.uol.com.br/glauco.



O melhor presente: Luiza Cobos
no Girassol, 2003